TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATÍVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME IV

RIO DE JANEIRO

Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor

75, Rua de S. José, 75

1876

TROVADOR

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

A Arrependida, romance por J. A. d'Ornellas.

S. Pereira — Horas do campo. 1 vol.

Estacio da Veiga — Romanceiro do Algarve. 1 v.

Dr. Tito F. d'Almeida — O Brazil e a Inglaterra, ou o trafico dos africanos. 1 v.

A. Bast — Maravilhas do genio do homem. 2 v. — A corteză de Paris.

Janet — A familia.

Freire de Carvalho — Ensaios sobre a historia litteraria de Portugal. 1 v. — Reflexões sobre a lingua portugueza. 1 v.

Motta — Quadros da historia portugueza. 1 v.

B. Pinheiro — Arzilla. — Sombras e Luz. — Amores d'um visionario, romance historico. 2 v.

Isbella, por Fernandes da Rocha.

Andrade Ferreira — Tradições e phantasias. 1 v. — A familia do jesuita. 1 v. — Ultimos momentos de D. Pedro v. — Litteratura, musica e bellas-artes. 2 v.

Mosqueira — A marqueza de Camba. 2 v.

O. Feuillet — Historia da Sibylla, 1 v. — A condessinha de flôres. — Flôr de liz. 5 v. — Romance de um rapaz pobre. — O conde de Camour. 2 v. — Julia de Trecœur. 1 v.

Augusto e Olympia, por F. da Rocha. 2.ª edição.

W. d'Izco — Maria, ou a filha de um jornaleiro. 7 v. — A marqueza de Bella-flôr. 8 v. — Pobres e ricos, ou a bruxa de Madrid. 9 v.

Teresserra — Os hypocritas. 9 v. — A Judia Errante. 10 v.

Fernandez y Gonzalez — D. João Tenorio. 2 v. com est. — O rei maldito. 5 v. com est. — Casada e virgem. 2 v. — Lucrecia Borgia. — Memorias de Satanaz. 2 v.

Luiz Pabréne — A inquisição e o rei. 2 v. com est. — A inquisição do rei e o Novo Mundo. 3 v. com est.

Dias Mora — Florinda, ou o palacio encantado. 2 v. com est. — Pelayo, ou o restaurador de Hespanha. 2 v. com est.

Tarrago y Mateos — Odio de Bourbons, memorias escriptas com sangue. 3 v. com est. — Tempestades da vida. 2 v. com est. — Os ciumes de uma rainha. 9 vol.

Iliada de Homero, trad. de M. Odorico Mendes.

Paulo Feval — Os companheiros do silencio. 4 v. — A loba. 3 v. — As duas mulheres do rei. 1 v. — As filhas dos reis. 1 v. — Saldo de contas. 1 v. — João Diabo. 4 v. — O lobo branco. 1 v. — Os valentões d'el-rei. 1 v. O filho do diabo. 1 v. — Um drama da regencia. 1 v. — O rei dos mendigos. 4 v. — A duqueza de Namour. 2 v. — A cruz da espada, ou o emigrado. 1 v. — A creoula. 1 v. — O jogo da morte. 6 v. — O matador de tigres. 2 v. — A peccadora. 1 v. — Floresta de Rennes ou o lobo branco. 1 v. — O voluntario. 1 v. — A torre do diabo. 1 v. — A fada dos Arcaes. 1 v. — A fonte das Perolas. 1 v. — Os casacas pretas. 1 v. — O paraiso das mulheres. 2 v. — O corcunda. 6 v.

Luiz d'Araujo — Contos e historias. 1 v. — Cousas portuguezas. 1 v. — Novo almocreve das petas, livro alegre e folgazão, no gosto do antigo *Almocreve das petas*. 2 v.

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME IV

RIO DE JANEIRO

Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor

75, Rua de S. José, 75

1876

TROVADOR

MODINHAS

QUEM NÃO AMA E NÃO ADORA

Os prazeres que nos domam
Da existencia dôce aurora,
Gozar não póde na vida
Quem não ama e não adora.

Quem não rende affectuoso
Terno culto á formosura,
Existe envolto em tristeza,
Vivo está na sepultura.

No universo não descubro
Quem d'amor á lei se esquive;
Pois que amor é mais que a vida,
Só amando é que se vive!

Pois se o amor é que adoça
Nossos dias de amargura,
Sem prazer a vida é morte,
Sem amor não ha ventura.

DEIXA, DAHLIA

Deixa, dahlia, flôr mimosa
Ostentar tua belleza,
Tua imagem respeitosa
E' o emblema da tristeza.

Nas roxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

Teu centro, duro, exaspera
Minh'alma, em zelos accesa,
Flôr que assim paixão exprime
E' o emblema da tristeza.

Nas roxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!

DUETO

O MESTRE DE MUSICA

DAMA

Dá licença, senhor mestre?

MESTRE

Póde entrar, minha senhora.

DAMA

Como passa, senhor mestre?

MESTRE

Vou passando menos mal.
Ora vamos, meu amor,
Venha dar sua lição;
Cante bem afinadinho,
Faça o compasso co'a mão.

DAMA

Sim, senhor, já estou prompta,
Mas precisa desculpar...

MESTRE

Oh! pois não...

DAMA

Porque estou bastante rouca,
Não poderei bem cantar.

MESTRE

Ora vamos, meu amor — etc.
Não importa, eu lhe desculpo,
Vamos, dê-me attenção.
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si:
Entendeis, minha menina,
Esta minha afinação?

DAMA

Sim, senhor, entendo bem.

MESTRE

Ora agora principie
Com justiça e promptidão.

DAMA

Fá, mi, dó, ré, fá, dó.

MESTRE

Dó, dó, dó,
Na deixa, está perdida,
E não sei qual a razão
Ha tanto tempo que ensino...
Cada vez peor lição...
Olhe, a bocca bem aberta,
Compasso bem prolongado,
O nariz bem perfilado,
Veja a minha posição.

DAMA

Sim, senhor, eu principio,
Eu careço solfejar
Mi, ré, fá, dó, fá, dó, lá.

MESTRE

Qual, fá, dó nem fá, dó, mi!
Vá outra cousa estudar.
Para a musica não tem geito,
Outro officio vá buscar.

DAMA

Sim, senhor, querido mestre,
Eu lhe prometto estudar,
E se fôr do seu agrado
Um lundú eu vou dançar.

MESTRE

Oh diabo, ella ahi vem
Com aquella tentação,
Pois sabe que não resiste
Meu sensivel coração.

LUNDÚ

DAMA

Ora diga, senhor mestre,
Não lhe agrada mais dançar
Com geitinhos e requebros
Que até os céos faz chorar?

MESTRE

E' tão bom, é tão gostoso
Que se eu tivera pataca,
Toda a vida eu te daria
Corta, jaca, corta, jaca.

AMBOS

Bravo, meu bem, está de tremer.
Queijadas de côco,
Pasteis de melado,
Suspiros e ais
Do meu bem amado.

Sim, é engraçado,
Gostoso é morrer
Ligado a teus braços,
A vida perder.

Bravo, meu bem, está de tremer — etc.

Oh! sinhá Maria olé
Olhe os porcos na cancella,
Se os porcos forem teimosos
Dê com elles na panella.

DAMA

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si,
Até quando eu cá voltar.

MESTRE

Adeusinho, não s'esqueça
Da lição bem estudar.

AMBOS

Bravo, meu bem, está de tremer — etc.

Oh! sinhá Maria olé — etc.

RECITATIVOS

ESTATUA DA VIDA

Estatua inerte, insensivel, calma,
Mimoso corpo, não conhece a vida,
Pallida estrella que brilhar não sabes,
Perola santa, para os céos perdida.

Jardim sem flôres, sem perfume, secco,
Lodosa argilla, desprezivel pó,
Orgulho inutil, sentimento morto,
Gelado peito, não conserva dó.

Formosa e linda, alabastrina Venus
E' muda e fria, e nem um riso tem,
Alma de marmore, sem fé, sacrilega,
Aos céos prendel-a nem um sonho vem.

Altar sem cultos, sem amor, sem idolos,
Religião sem crentes, muda já está,
Sacrario augusto, esperança morta,
Nem um suspiro o coração lhe dá.

Vaso esculpido de valôr sublime
Que dôce orvalho não colheu do céo,
Bello horisonte, mas sem luz, sem brilho
Sempre escondido por funereo véo.

Adormecido, sepulchral archanjo
Celeste aroma — nem a Deus orou,
Apenas folhas — desbotada rosa,
Sem ter amor seu coração ficou.

Bettencourt da Silva.

O QUE EU SENTI

Senti no corpo um tremor convulso,
Senti minh'alma desfazer-se em prantos,
Senti que breve me fugia o pulso,
Senti do peito já fugir-me os cantos.

Oh!... eu soffria!... sim, soffria immenso,
Amores loucos me abrazava o peito:
Hoje, cançado de um soffrer intenso
E' meu martyrio o já passado preito.

Senti saudades quando já distante
De ti, ó bella, tão tristonho vi-me;
Queria ao menos contemplar constante
O rosto puro pelo qual perdi-me.

Pois caminhava futurando amores
Qu'em breve iriam junto a ti pairar;
Senti que via n'um jardim mil flôres,
E que as mais bellas te podia dar.

Oh! essas flôres que em delirio via,
Eram mil beijos que almejára dar-te;
Eram desejos que jámais eu cria
Que em vão fizesse o meu peito amar-te.

Mui feliz fui n'esse instante, virgem,
Julgára a vida mais alento ter!...
Mas hoje, longe, só tu és a origem,
Do pranto amargo que me faz descrêr.

Monte-Real.

LUNDÚ

UM JOGO

Musica do snr. Noronha

Com gentil, formosa dama
Ha muito tempo joguei,
Puro jogo em que perdendo
Com essa perda ganhei.

Comecei por um sorriso,
Ella um olhar me lançou,
Com esse olhar fiquei doudo,
Quasi com elle ganhou.

Insiste, dei-lhe um suspiro,
Ella um ai me desprendeu,
Ouvindo soltar segundo
Calou-se e quasi perdeu.

Deu-lhe um sentir de minh'alma,
Deu-me um sorrir de paixão,
Quiz vencer, fiquei vencido,
Lá perdi meu coração.

Perdi tudo, mas que importa
Se em breve me resarci,
Se ganhei a affeição d'ella
Em troca do que perdi?

Ha muito tempo, ha muito,
Comtigo, Isbella, joguei:
Perdesse embora no jogo,
N'essa perda alfim ganhei.

MODINHAS

MARILIA, SE ME NÃO AMAS

Poesia e musica do fallecido padre-mestre José Mauricio Nunes Garcia

Marilia, se me não amas,
Não me digas a verdade,
Finge amor, tem compaixão,
Mente, ingrata, por piedade.

Dize que longe de mim
Sentes penosa saudade,
Dá-me esta dôce illusão,
Mente, ingrata, por piedade.

A VIRGEM MELANCOLICA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Sonhei que mil flôres*

Eu amo essa virgem
Tão pura e tão bella,
Morena formosa,
Tão cásta donzella.

Imagem tão linda,
Exemplo de amor,
Das flôres mais bellas
E' ella essa flôr.

E' mais que constante,
E' mui virtuosa;
Dos anjos é copia
E mui carinhosa.

Por ella sou rei,
Sou grande cantor;
Foi ella quem deu-me
Soberbo valor.

Outr'ora eu carpia
Vivendo à chorar,
Sem ter lenitivo
Meu duro penar!

Foi bastante vêl-a
D'amor a sorrir,
Meu fado cruel
Fez ella fugir.

Morena formosa
És meu pensamento;
Se hoje tu tens
Cruel soffrimento!

Virá esse dia
De tanta esperança,
Que em vez de ter dôres
Terás a bonança.

Adeodato Socrates de Mello.

O MEU PENAR

Busco campina serena
Para livre suspirar,
Cresce o mal que me atormenta,
Augmenta-se o meu penar.

Se ao brando rio procuro
As minhas penas contar,
O rio foge de ouvir-me,
Augmenta-se o meu penar.

Se ao terno canto de uma ave
Vou meus gemidos juntar,
Emmudece o passarinho,
Augmenta-se o meu penar.

CANÇÃO

O DIA NUPCIAL

(CANTICO DO ESPOSO)

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Eil-a de branco vestida
Qual bella estatua de neve,

Que á terra do céo descida . .
Ninguem, nem mesmo de leve,
A pôr-lhe os dedos se atreve
Por não vêl-a polluida!
....

Nunca tão pura,
Nunca tão bella,
Brilhou estrella
No azul do céc.
Nunca roseira
A amor sorrindo,
Assim tão lindo
Botão ergueu.

Em lago argenteo
Cysne garboso,
Tão gracioso
Jámais pairou.
Sublime artista
De amor dilecto
Tão puro objecto
Nunca ideou.

Tão sublime e primorosa
Como o arroubo da poesia,
Como a imagem graciosa
Que a mente do vate cria,
Quando vaga a phantasia
Na enlevação primorosa.
....

Em seu semblante
Tudo é ventura,

Tudo é candura,
Tudo é pudor.
Alma celeste
Lhe anima o rosto,
Que é um composto
Que inspira amor.

Ai de quem lhe ouve
À voz canora,
Que se evapora
Em brandos sons!
Livre escutando-a
Ninguem persiste,
Ninguem resiste
A tantos dons.

Oh lua, oh estrellas,
Oh céos, ah! sabei,
Que ella é minha esposa,
Que esta alma lhe dei!
Na vida e na morte
Só d'ella serei.

RECITATIVOS

FALLA

Falla, meu anjo! Que tuas vozes candidas
Aos meus ouvidos venham ter bem ternas!
Ah! falla, falla! De teus labios tremulos
Solta essas notas divinaes, eternas!

Deixa em meu peito vir cahir dulcissimas,
Oscillando uma a uma entre o receio,
As tuas phrases que em minh'alma gelida
Mudam-se em chammas me abrazando o seio!

Falta ao canario um harpejar tão magico,
E falta á lyra um proferir tão dino!
Nada te iguala no fallar angelico...
São tuas fallas sacrosanto hymno.

Quando tu dizes «Eu te amo» e púdica
O rosto escondes com ternura e medo,
Sem ti no céo não se desprende um cantico
Assim vibrado, tão sublime e ledo!

Se em alta noite entristecida, pavida,
Gemer a flauta na soidão é bello,
Mais bella ainda é proferida syllaba
Pelos teus labios c'o infantil desvelo!

Na mata umbrosa o sabiá extatico
Cala seu quebro que vencido fica!
Tudo emmudece á tua voz, e o misero
Na mágoa immerso seu soffrer deifica!

Falla, meu anjo! Tua voz é balsamo
Que suavisa do pezar a chaga!
Com tuas fallas d'esta vida lugubre,
Mata a descrença que meu peito esmaga!

M. P. Leitão.

AMOR E DELIRIO

Vem vêr, ó virgem, como esta alma sente,
E não te mente no jurar-te amor!
Vem vêr que adoro teu cabello louro
Que é meu thesouro de maior valor!...

Vem vêr que sinto n'este peito em ancia
Muita constancia que terei por ti!...
Vem vêr que chóro por te vêr chorar
Ao dedilhar d'esta minha harpa aqui.

Eu amo, ó virgem, teu olhar quebrado,
E o assombrado d'esses olhos bellos!
Eu amo a neve de teu collo virgem,
Amo a vertigem, meu sonhar, d'anhelos!

Amo teu peito, divinal sacrario,
Que é meu erario, meu altar d'amor!
Amo-te o riso que dá luz ao triste,
Que não resiste ao soffrimento, á dôr!...

Amo teus olhos que me accendem n'alma
Amor sem calma, divinal paixão!
Amo-te a face, tão rosada, bella,
Amo, donzella, teu fanal condão!...

E quando ás vezes um murmurio vago
Vem n'um só trago acordar minh'alma,
Então eu sinto tua imagem qu'rida
Abrir-me a f'rida d'este amor sem calma!...

E sinto em sonhos tua imagem qu'rida
Chamar-me á vida, attenuar-me a dôr!
E dou-te em paga n'esta minha lyra,
Quando delira, um suspirar d'amor!...

V. M. S. M.

LUNDÚ

BERNABÉ CANGICA

Mulata, tu és a causa
D'eu andar sempre a tinir.
Todo o dinheiro que ganho
E' pouco p'ra me vestir.

Todo á moda, qual janota
Ando sempre a passear:
Todas as vezes que sáio
Vou as botas engraxar.

Alegre por tua porta
Passo o dia, a noite passo,
Miro todo este corpinho,
Eu mesmo não sei que faço.

Se te vejo debruçada
Contente só na janella,
Tudo em mim é confusão,
Sinto dôres na canella.

Quando eu tiver certeza
Que me adoras a mim só
Vêr-me-has atraz de ti
Humilde qual um totó.

Mulata, eu vou-me embora,
Mas meu nome aqui te fica,
Nunca te esqueças, meu bem,
Do teu —*Bernabé Cangica.*

MODINHAS

QUANDO SEU BEM VAI-SE EMBORA

Cresce amor de dia em dia,
Cresce amor de hora em hora,
Cresce tambem a saudade
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes
Causam saudade,
Nada mais firme
Que uma amizade.

Tudo no mundo fenece,
O mesmo amor se minora,
Só quem não ama não sente
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes — etc.

Grandes tormentos padece
Um peito que firme adora,
Só quem ama é que sente
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes — etc.

Sente a alma espedaçar-se,
Suspira, lamenta e chora,
Quem ama está presente
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos ciumes — etc.

Ainda que os labios não fallem
Da despedida na hora,
Os olhos pedem que fiquem
Quando seu bem vai-se embora

Ternos ciumes — etc.

PARA MIM É O MUNDO UM DESERTO

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada com a musica da modinha — *Mal te vi eu te amei*

Para mim é o mundo um deserto,
Passo a vida em continuo soffrer,
Nada vejo que possa alegrar-me
Nem cessar este meu padecer.

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos,
Vem, não tardes feliz me tornar!
Ouve o — brado, — do triste que chora,
Vem, não tardes, meu pranto enxugar!

N'este mundo não tenho um amigo
Que me possa um suspiro colher,
N'este mundo encontrei só tormentos
Que me fazem mil vezes soffrer!

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos — etc.

Todos gozam na vida prazeres
Só eu vivo no mundo a penar,
Se existindo, só tive pezares,
Devo morto delicias gozar.

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos — etc.

Eu amei no verdor de meus annos
A belleza que o mundo invejava!
Foram poucos os gozos que tive
D'esse amor que meu peito animava.

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos — etc.

D'esse amor que meu peito nutria
Não existe sequer uma flôr,
Este mundo p'ra mim é cruel,
Dá-me prantos, tormentos e dôr!

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos — etc.

Não aspiro as riquezas do mundo
Nem tão pouco delicias gozar;
Só desejo o silencio dos tumulos,
Onde breve eu irei repousar.

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos — etc.

Hoje triste no mundo, sósinho,
Tento embalde meu pranto occultar,
Que os gemidos que estalam-me o peito
Só a morte é que os póde acabar!

Vem, oh! morte, visão de meus sonhos — etc.

Mello e Oliveira Junior.

POLACA

AMOR ETERNO

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Vi, minha Urania,
Teu lindo rosto!
Minh'alma absorta
Tremeu de gosto.

Dentro do peito
O coração
Sentiu o effeito
D'essa visão.

De um poder novo
Todo o attractivo
Soprou-me n'alma
Um fogo vivo.

Fiquei sabendo
Porque nasci,
Alegre vendo
Meu bem em ti.

O amor eterno
Que tudo cria,
Se amor não fosse,
Não nos faria.

Nossa existencia
E' toda amor,
Qual é a essencia
Do Creador.

Não, não, a morte
Não nos separa;
Além dos mundos
Ha luz mais clara.

A ella accesso
E' o morrer,
E' um processo
Do renascer.

Os que no mundo
São mais amantes
Serão unidos,
Mas radiantes.

Amor mais forte
Lá irá ter,
Sem já da morte
Nada temer.

Tal é, oh! bella,
Nosso destino!
O céo me inspira
Quanto imagino.

Do amor no estudo
Consiste o bem;
O mal é tudo
Que amor não tem.

O bem só amo,
O bem desejo,
O bem agora
Em ti só vejo.

Quero a teu lado
O bem gozar
E ser amado,
E sempre amar.

Se tu desejas
Ser venturosa,
Ama a quem te ama,
E est'alma espósa:

E terno unamos
Teu sêr e o meu,
Dos dous façamos
Como um só Eu.

RECITATIVOS

UM TEU DÔCE AGRADO

Eu amo as flôres em manhã serena,
Frescas, viçosas, perfumando o prado,
Porém adoro, amo mais ainda
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Eu amo os cantos maviosos, puros,
Gorgeios brandos de mimoso alado,
Mas... ah! que amo, muito mais eu amo
Um teu sorriso, um teu dôce agrado!

Eu amo vêr em deserta praia
O mar sereno qual leão domado,
Porém mais amo, mais prazer me dá
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Eu amo as meigas e ternas caricias
Da mãi querida ao filhinho amado.
Mas mais eu amo um carinho teu,
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Eu amo ouvir os accordes santos
D'orgão divino em templo sagrado,
Mas amo... adoro com fervor maior
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Eu amo os brincos d'infantil menino
Que folga isento do menor cuidado,
Porém eu amo muito mais que tudo
Um teu sorriso, um teu dôce agrado.

Candida Isabel de Pinto Cotrim.

A VIRGEM DE LUTO

Trajava vestes que o soffrer exige,
Mesmo de luto se ostentava bella,
—Era qual anjo a vigiar sepulchros
Da noite em meio — em funeral capella.

N'aquellas faces onde outr'ora a rosa
Collocar vinha suas lindas côres,
Eu vi os traços salientes — vivos
Das mais atrozes, cruciantes dôres.

Quizera parte d'esta dôr tão forte
Soffrer sósinho — mui feliz seria;
P'ra contemplar-te mui risonha, sempre
Parte d'est'alma eu a ti daria.

Quizera vêr-te, como outr'ora — alegre,
Fixando a lua no seu céo de anil,
Quizera vêr-te, como outr'ora vi-te,
Cheia de encantos, de attractivos mil.

Quizera a face te oscular um dia,
Entre meus braços te estreitar uma hora,
Mesmo que a morte me roubasse a vida
Entre mil tratos — morreria — embora.

E's minha sombra a me guiar os passos,
Dos sonhos meus — celestial visão;
E's a mulher a quem venero e amo,
Se esta franqueza te offender — perdão!

Gualberto Peçanha.

LUNDÚ

Ó PROGRESSO DO PAIZ

Para ser cantado com a musica do lundú — *O Telles carapinteiro*

O progresso do paiz
Cada vez augmenta mais,
Temos por toda a cidade
Encanamento p'ra fecaes.

Já a Praça do Mercado
Está no seculo das *lanternas,*
Pois abriu nos quatro cantos
Um botequim e tres tabernas.

Tambem na Praia do Peixe
Tem o negocio augmentado;
Com dous vintens de refresco
O povo fica gelado.

Já a rua do Catette
Está-se pondo em grande gala,
Té mesmo a *Uruguayana*
Mudou-se p'ra a rua da Valla.

Tambem o grande Rocio
Tem-se posto em grande luxo;
Pois sustenta em cada canto
Um formidavel repuxo.

O Campo andou cercado
Por mais de um batalhão;
No centro tomando—*ares*—
Os presos da Correcção.

A guarda nacional
Anda toda aquartelada,
Fazendo rondas e guardas,
Tem-se visto atrapalhada.

Tambem se vê pelas ruas
Macacos a tocar pratos,
E o Boulevard-Carceler
Arrendado aos—*engraxátos*.

Temos em todos os cantos
Cambistas de *loterias*,
Temos tocadores de harpas,
Pandeiros e cantorias.

Tambem temos um invento
P'ra alliviar algibeiras,
E' descuidar-se nas festas,
Dos — *bifadores de carteiras.*

Temos guerra lá no sul
Que nos veio arripiar;
Portanto faço aqui ponto
Té a guerra terminar.

Augusto Rodrigues Duarte.

MODINHAS

O ADEUS DO VOLUNTARIO

Minha mãi, eu parto, adeus,
Vou imigos combater,
Pela patria, por meu rei
O meu sangue vou verter.

Não chores, querida mãi,
Por teu filho tão querido,
Eu parto, mas voltarei
Quando o tredo fôr vencido.

Ouço a voz de meus irmãos
Que me chamam ao combate,
Vou comprar com o meu sangue
Dos meus irmãos o resgate.

Occultarás, por piedade,
Minha mãi, o pranto teu,
Porque elle desfallece
O triste coração meu.

Voltarei cheio de gloria
A este querido solo,
—Minha fronte laureada
Reclinarei em teu collo.

Quando passares um dia
Por meio do tropel vario,
De prazer—elle dirá
Eis a mãi do voluntario.

Voltarei... porque as balas
A mim não alcançarão,
Porque teu retrato—mãi
Levo no meu coração.

Porém se Deus fôr servido
Levar-me p'ra o reino seu,
Paciencia, minha mãi,
Dá ao filho o pranto teu.

E quando te perguntarem
Pelo teu filho—soldado,
Responde—morreu na lucta
Com valor mui denodado.

*

Minha mãi, eu parto, adeus,
Vou imigos combater,
Pela patria, e por meu rei
O meu sangue vou verter.

TEUS LINDOS OLHOS

Teus lindos olhos
Pretos, formosos,
Mais luminosos
Que os astros são,
Quando se volvem
Ternos, brilhantes,
Dão aos amantes
Consolação.

Bocca pequena,
Virgem e grave,
Amor suave
Faz libação.
Ah! se eu podesse
Beijal-a um dia,
Então teria
Consolação.

Os alvos dentes
Da côr da neve,
Da bocca breve
Ornatos são,

Os torneados,
Braços bem feitos
Parecem feitos
    Á proporção.

Cintura airosa
E das melhores,
Por onde amores,
Prender nos vão.
Por isso agora
Amor sagrado
Nos tem formado
    Dôce prisão.

Pretos cabellos
Soltos nos hombros
Causam assombros
Ao coração:
Os pés descalços
Formam passadas:
Flôres sagradas
    Nascem do chão.

Ah! Lilia bella,
Te retratei,
Se n'isto errei
Peço perdão.
Solta um sorriso,
Presta um soccorro,
Senão eu morro
    D'esta afflicção.

O MEU FIEL JURAMENTO

Musica do snr. Noronha

Arv're que embalas teus ramos
Nas brandas azas do vento,
Deixa gravar em teu tronco
O meu fiel juramento.

Se aqui passar algum dia
O motor do meu tormento,
Leia ao menos uma vez
O meu fiel juramento.

E se sobre estas palavras
Meditar um só momento,
Saiba que fida ainda guarda
O meu fiel juramento.

RECITATIVOS

SONHEI-A

Sonhei-a! dormia co'as mãos sobre os seios
Talvez nos anceios d'um vago sonhar!
E vinham-lhe ao rosto quebrar-se em desmaios
Os pallidos raios de um tibio luar.

Que noite! que ar puro! que magico effeito
Nas fibras do peito senti palpitar,
Que sustos, que angustias! por vêl-a abatida
Por vêl-a dormida tão perto do mar!

E a noite ia alta! e a briza gemia
E o mar parecia querêl-a beijar:
Dormia tão perto que os alvos vestidos
Julguei confundidos co'a espuma do mar!

Assim que avistei-a de longe correndo
Cheguei-me tremendo já quasi a tocal-a...
Propicia era a hora, da noite o ensejo
E louco n'um beijo fui quasi acordal-a.

Mas antes do beijo depôr-lhe na fronte,
No largo horisonte eis surge-me o dia;
O engano desfez-se; a sombra fugiu-me,
Fugiu-me! e entre as nevoas da noite a perdia.

A MULHER PERDIDA

Nem sempre a misera se arroja ao lago,
Sem um afago, sensual, impuro,
Concebido sempre por nefando gozo
Do mentiroso, que não tem futuro.

A misera vendo offerecer-lhe galas,
Ou ternas fallas que mentidas são,
Té olvida o leito da infancia bella
E caminha ella para a laxidão!

Vai sorver o gozo do voraz mundano,
Que tão ufano, não lhe punge n'alma,
Arrostar um crime deshonrando aquella
Que a sorte d'ella, colheria a palma.

Decorrido tempo vê-se a pobre exhausta
Da vida fausta que já foi senhora;
Nem vendo aquelle que cortou-lhe os élos
Dos dias bellos que gozára outr'ora!

Se remonta então no painel do crime,
Porque a opprime da miseria o manto,
Trocando beijos pela vil moeda
Que o crime a veda de gozar encanto!

Nas orgias busca mitigar as mágoas,
Mas acha fraguas de acceso horror!!
Acha veneno que n'um hospital
Vai afinal succumbir de dôr!

Succumbe alfim! ao rigor da sorte
Quanda a morte lhe fenece a vida!
Sem ter quem diga apontando a lousa
Alli repousa — A mulher perdida! —

A VIRGEM DA NOITE

A virgem da noite no azul transparente
Do lago tremente reflecte o perfil:
E o manto de estrellas sorrindo desata
Em ondas de prata no ether subtil!

A terra abrazada palpita em desejos,
Nas selvas os beijos se escutam d'amor:
As auras travessas brincando nas ramas
Abrazam em chammas o collo da flôr!

Trepidam regatos por entre a verdura
De branca espessura em dôce gemer;
Em vago, amoroso, celeste abandono
Parece que ao somno convida, ao prazer!

A mystica sombra dos bosques frondosos
Nos campos saudosos, phantasmas produz!
Eterna, incessante, suave harmonia,
Nos diz — Poesia — nos raios da luz!...

Que noite, que immensa e profunda tristeza
Do céo na pureza, nos astros, no ar!...
Saudade infinita que as almas devora
Sentimos n'esta hora, pungir, abrazar!

Poeta, silencio! curvemos a fronte
Ao vivo horisonte d'ignoto arrebol!
No seio da noite fecundo estremece
E surge, apparece, em breve outro sol!

Extatico e mudo adoro e contemplo!
Nas aras do templo me prosto ante Deus!
Mas tu, cujos cantos o genio illumina,
Na harpa divina remonta-te aos céos!

E. Zaluar.

LUNDÚ

MESMO DA CAMA PÓDE ESCUTAR

Mesmo da cama
Póde escutar
Esta modinha
Que vou cantar.

Não se levante,
Não quero, não,
Póde apanhar
Constipação.

Amo a uma bella
Que é moreninha,
É engraçada,
É bonitinha.

Tem lindos olhos
De negra côr,
Elles exprimem
Amor... amor...

As suas faces
Vertem carmim,
Tēm lindos dentes
Côr de marfim.

Ellà é minh'alma,
É vida minha,
É o meu Deus
A moreninha.

Ella castiga
Com sua côr,
Todo o seu talhe
Exprime amor.

Quero comtigo
Mui dôcemente,
Dar em teus labios
Um beijo ardente.

Beijo de amor
E de amizade,
Com que suave
Faz a saudade.

MODINHAS

A TI!

Musica do snr. Noronha

Feliz a briza que teus labios roça,
Feliz a flôr que no teu collo expira,
E mais feliz quem n'um sorrir te sorve
Sofrego beijo.

Se te diviso, o ar e a luz me foge,
Mil pulsações meu coração constrangem,
Louco titubo e o rubro humor nas veias
Gelido pára.

Mas se te escuto as namoradas fallas,
Se em brando amor os olhos teus removes,
Se a dôce bocca de coraes entre-abre
Languido riso,

Oh! que delirio comparar-se póde
Ao que minh'alma a ignotos céos arrouba?
Sem côr, sem voz, sem esperança, sem alma
Tremulo morro.

LAGRIMAS DO VOLUNTARIO

oesia do snr. V. J. Bom Successo Junior, e musica do snr. Arvellos

Rufa a caixa, á guerra, á guerra!...
Eis o brado da nação;
Sou brazileiro e com ancia
Vou defender meu pendão.

Adeus, esposa querida,
Anjo que sempre adorei;
Cala o pranto, a dôr mitiga,
Que breve te abraçarei.

Vou libar, sei, gota a gota
O calix do soffrimento,
Mas serei feliz vencendo,
Te tendo no pensamento.

Adeus, meus queridos filhos,
Abraçai o vosso pai,
Que para vos dar um nome
Defender a patria vai.

Meus filhos!... querida esposa,
Coragem!... tende valor:
O Brazil é nossa patria,
Pedro é nosso imperador.

Virgem Santa, eu vos entrego
Os unicos penhores meus,
Por minha mulher e filhos
Velai sempre, oh! Senhor Deus!

POR UM SÓ AI

Se me queres vêr rendido
De joelhos, a teus pés,
Por um olhar que me lances,
Por um só ai que me dês;

Se queres vêr o meu peito
Rugindo como um vulcão,
Estourar, arder em chammas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres vêr sujeito,
Curvado e preso a tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sobre os teus olhos
Meu coração a teus pés;
Por um olhar que me lances
Por um só ai que me dês.

Veja eu sobre os teus labios
Esta só palavra — amor.
Estrella, cortando os ares,
Abelha, sobre uma flôr.

Então verás dos meus olhos
Que o pezar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos que a dôr estancou.

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia,
Era folha verde e fresca
Onde o sol se reflectia.

Murcha e triste pende agora,
Cahiu, jaz solta, está só;
Exposta ao fogo, arde em chamma,
Deixal-a, desfaz-se em pó!

Ha-de sentir outra vida
Outra vez meu coração,
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça
Tal fui, tal me vês agora!
Mas venha o orvalho celeste,
Venha o bafejo da aurora.

Venha um raio de alegria
Dar-lhe ás raizes calor;
Revive de novo e brota
Folhas, galhos e verdor.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nem um suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
Uma só prova — e verás,
Minh'alma presa em teus labios
Como de amor se desfaz!

Vêr-me-has rendido e sujeito,
Captivo e preso á tua lei;
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei!

DESEJO

Musica do snr. Noronha

Oh! quem nos teus braços
Podéra ditoso
No mundo viver,
Do mundo esquecido
No languido gozo
Do infindo prazer!

Senhora, teus olhos
Serenos em calma,
Fallando d'além,
D'além de uma vida
Que sonha minh'alma
Que a terra não tem.

Eu dera este mundo
Com tudo que encerra,
Por esse condão;
Thesouros e glorias,
Os thronos da terra
Que valem, que são!

A vida, essa mesma
Daria contente
Sem pena, sem dôr,
Se um dia embalasse,
Um dia sómente,
Meu sonho de amor.

RECITATIVOS

OUTR'ORA

Afagos magos e venturas puras,
Donzella, outr'ora já gozei por ti,
Immensas crenças na perdida vida
Dentro em meu peito com prazer senti.

De enleio o seio palpitante, amante,
Ai! muitas vezes palpitou de amor;
Minh'alma a palma da magia via
Dos teus amores na primeira flôr.

Immerso em berço de risonhos sonhos
Meu pensamento vagueou no céo;
Sereia cheia dos augurios puros,
Porque rasgaste o pudibundo véo?

Amei-te. Dei-te do meu peito a eito
Toda a esperança, todo o amor e fé;
Não via, cria que a donzella bella
Só ergueria meu amor de pé.

Vira da lyra nos divinos hymnos
Uma esperança a desabrochar em flôr;
Nas scismas — prismas, nos amores — flôres,
Nas crenças — vida, e n'essa vida — amor.

Da lyra ouvira nos amenos threnos
A tua dôce e embriagante voz:
Sonhando, amando, no meu seio veio
Lançar as garras um ciume atroz.

Trahiste; riste dos encantos — tantos,
Que promettiam divinal porvir;
Mataste, eivaste uma ventura pura
No venenoso d'esse teu sorrir.

Outr'ora — a aurora de ditosos gozos...
Hoje — amargura que p'ra mim sorri:
Outr'ora — a aurora de risonhos sonhos...
Hoje — a saudade d'esse amor por ti.

Almeida Cunha.

A TARDE

Não imaginas como é bella a tarde!
O peito arde com saudades mil,
Ao dôce aroma d'essas flôres bellas,
Lindas, singelas, sob um céo de anil.

Além murmura na folhage' a briza,
E após desliza do riacho ao leito,
E a meiga rola no laranjal florido
Solta um gemido ao soluçar do peito.

O orvalho desce em crystallinas gotas,
—Perolas soltas esmaltando as flôres—
Quando talvez... bem palpitam os seios
N'esses anceios de virginaes amores.

Triste suspira a jurity saudosa,
Bella e formosa da collina á margem,
E sobre a rosa o colibri mimoso
Balouça airoso ao perpassar da aragem.

Lá no occaso descambando ardente,
Morre fulgente o bello rei dos astros;
Como o navio que n'horisonte louco,
Vai pouco a pouco escondendo os mastros.

E' —uma idéa d'esses sonhos bellos,
D'esses anhelos que ao coração pulsou!
E' a imagem de um amor primeiro,
Sonho fageiro que morreu... passou...

Benjamin Labottière.

*

LUNDÚ

GENTIL ANALIA

Lundú brazileiro por J. M. N. Garcia

Gentil Analia, a belleza,
Graças, meiguices, candura,
Só na tua formosura
Esgotou a natureza;
Do céo toda a gentileza
Respira teu ar fagueiro,
Teu corpinho feiticeiro
Que accende, que inspira amor;
Inda para mais primor
Teu corpinho brazileiro.

E' tal tua perfeição,
São taes teus dotes divinos,
Que os mesmos brutos ferinos
Te rendem adoração;
Jove co'a fulminante mão
Com que abraza o mundo inteiro,
Suspende com ar sobranceiro
Quando vê em ti, meu bem,

Brilhar os dotes que tem
Teu corpinho brazileiro.

A par d'essa Divindade
Mãi das graças e dos amores,
A quem sublimes louvores
Tributa a humanidade;
Nos quindins, na gravidade,
Tu tens o lugar primeiro:
Tudo quanto ha lisonjeiro,
Que attrahe, captiva e rende,
Em ti, meu bem, comprehende
Teu corpinho brazileiro.

Mil bens que a fortuna cria,
Pesados cofres de ouro,
O mais sublime thesouro,
O mesmo throno, a monarchia,
Tudo, tudo eu deixaria,
Deixaria o mundo inteiro,
Se meu amor verdadeiro
Désse ouvido ao seu bem,
Désse tudo que em si tem
Teu corpinho brazileiro.

MODINHAS

CORAÇÃO DE BRONZE

Nem um ai, nem um suspiro
Já te causam sensação,
A tudo és insensivel,
Tens de bronze o coração.

Minhas lagrimas não te movem,
Nem minha terna paixão;
São baldados meus extremos,
Tens de bronze o coração!

ADEUS Á PATRIA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Dá-me um beijo*

Adeus, cidade do Porto,
Patria de minha paixão,
Saudades que n'alma sinto
Nunca mais me esquecerão.

Para longes terras vou
Já que a sorte assim o quiz,
Eu espero vêr-te ainda
Se um dia fôr feliz.

Da infancia aquelles tempos
Que em minha patria passei,
Tão alegres, tão felizes
Nunca mais os gozarei.

Vai-se acabar esse tempo
Outro pois começará,
Se o presente é tão tristonho
O porvir melhor será.

Esses dias venturosos
Que tão depressa voaram,
Já morreram para mim,
Já para mim se acabaram.

Esses tempos que folgava
Em frente do Rio Douro,
Para vir inda a gozal-os
Daria um grande thesouro.

Mas esse grande thesouro
Que te posso offerecer,
E' um coração verdadeiro
Que te ama até morrer.

Adeus, cidade do Porto,
Onde foi meu nascimento,
Deus me leve e aqui me traga
A vêr-te com salvamento.

Oh! minha mãi carinhosa
De minh'alma tão querida,
Nossos corações se partem
N'este adeus de despedida.

Adeus mãi, adeus amigos,
Adeus minha habitação,
De ti levo mil saudades,
Em ti deixo o coração.

Adeus tudo quanto adoro,
Adeus tudo quanto amei,
Tenho esperança q'inda um dia
Á minha patria voltarei.

Adeus, cidade do Porto,
Encantos da vida, adeus,
Que a vêr-te torne um dia
Oxalá permitta Deus.

Por uma senhora portuense ao deixar Portugal.

VEM, Ó BRIZA, FIEL COMPANHEIRA

Lá no topo erguido da serra
Quero ser pela briza afagado,
Já que outras caricias não gozo
Que compensem o meu triste fado.

Vem, ó briza, fiel companheira,
Não te queiras de mim afastar,
Acompanha o meu triste fado,
Harmonisa meu rude cantar.

Desprezado eu fui pela ingrata,
Sou dos entes o mais infeliz,
Para que merecesse tal sorte
Não me lembra nem sei o que fiz.

Vem, ó briza — etc.

Se algum dia contrita esta ingrata
Seu perdão me vier supplicar,
Hei-de então com doçura e bondade,
Porque amo... saber perdoar.

Vem, ó briza — etc.

RECITATIVOS

RECORDAÇÃO DA TRISTEZA

Sombria noite me recorda em dôres
Loucos amores que frui comtigo,
Anhelos, crenças, d'essa quadra ida
Pungem-me a vida no porvir imigo.

Choro esse tempo de illusorios sonhos
Que tão risonhos me douravam os dias,
Choro a esperança que brotou-me n'alma
Na dôce calma de gentis delicias.

Sim, que dos gozos perfumosas flôres
Restam-me as dôres que ligou uma sorte,
Hoje meus labios no soffrer crestados
Em ais magoados só murmuram a morte.

Fanou-se a estrella que fulgia pura,
A desventura d'um penar sem fim,
Perdi o anjo que inspirou-me as crenças,
Santas, immensas, a sorrir p'ra mim.

Que espero agora a soluçar descrente
No pranto ardente de cruel saudade?
Que espero agora no perder dos risos,
Falsos sorrisos do florir da idade?

Triste e sósinho n'um pungir de dôres
Lembra-me amores que gozei comtigo,
Embora a sorte nos rompesse os laços,
Sigo os teus passos, tua sombra sigo.

SONHOS, AMORES

Sonhos, amores, illusões desfeitas,
Crenças, anhelos, já não sinto mais;
O peito exangue, na descrença immerso,
Lamenta as flôres que não vê jámais!

E quanto brilho lobrigava ao longe,
Quanta esperança n'um futuro lindo;
Hoje me vejo sobre um lar d'espinhos,
No qual outr'ora perpassei sorrindo.

Ah! se podesse me esquecer do mundo,
Viver tranquillo n'um lugar âmeno,
Sentir a briza bafejar meu rosto,
Ouvir a lympha no passar sereno;

Ah! se podesse na mimosa relva,
Sentado á sombra de gentil mangueira,
Visar a lua no seguir das nuvens,
E vêr a estrella na veloz carreira;

Ah! se podesse n'um cantar de amores
Chamar a virgem que me faz descrente;
E recostado sobre o seio... amado,
Ouvir as vozes de seu peito crente;

Eu déra a vida juvenil que gozo,
Toda a existencia que meu sêr encerra...
E abraçando com transporte a lousa,
Cantando amores deixaria a terra.

Sonhos, amores, illusões desfeitas,
Crenças, anhelos, já não sinto mais;
O peito exangue, na descrença immerso,
Lamenta as flôres que não vê jámais.

M. P. Leitão.

O SOLDADO

Ai guerra! só guerra eu ouço bradar,
Ao longe gritar a patria offendida,
Lá corro contente, vou bravo, valente,
Com fé bem ardente entregar minha vida.

Vingar os meus brios, tão nobres, tão puros,
Com passos seguros levar meu pendão;
Calcar com justiça os feros tyrannos
Bem vis, deshumanos, que deu-nos traição.

Ardente minh'alma com firme valor,
Pulando de amor qual bravo sem par,
Mostrando aos tyrannos brazilea coragem,
Não teme a romagem que viu-lhe acenar.

Só quero ter glorias, voltar venturoso,
Ao seio ditoso, meu dôce viver,
Gozar as caricas que outr'ora gozei,
De ti, que deixei, minha mãi! meu prazer!

Ha tempos já tive as doçuras da vida,
De vêr-se rendida Uruguayna afamada,
Sem sangue, nem lagrimas, a justiça vencer,
A fome, o poder; que gloria avivada!

Foi Pedro esse heroe valente guerreiro,
Fiel justiceiro que lhes deu a lição;
Fazendo só vêr esse ingrato, atrevido,
O quanto sentido se pune a traição!

Adeodato Socrates de Mello.

LUNDÚ

O GATINHO

Era um gatinho que eu tive
Um gatinho folgasão,
Quereis saber o seu nome?
Eu o chamava Turrão.
Quereis sabel-o porque?
Eu já vos digo a razão:

Era da côr de azeviche,
Tinha colleira amarella,
Quem m'o deu, não séi se o conte...
Eu o furtei d'uma bella!...
«É mentira, tenho zelos,
O gatinho deu-t'o ella!»

Se te arrufas já commigo
Então não quero contar;
Vai ouvindo a minha historia,
Escuta, que has-de gostar:
Eu o chamava Turrão
Porque era bravo no brincar.

Quando me via tristonho
Lamber vinha-me a mão,
Quando me via contente
Dava pulinhos no chão:

Assim tomava o gatinho
De prazer um bom fartão.

Mas um dia, oh! que ventura,
O gatinho era bréjeiro,
Viu uma moça dançando,
Foi-se a ella surrateiro;
Furtou-lhe a liga da meia
E fugiu com ella ligeiro!

«Que foi feito do gatinho?»
A moça logo que o via
Lembrando-se da graçola
De prazer gostosa ria;
Té que por descuido meu
M'o furtou n'um certo dia!

MODINHAS

A MINHA LILIA MORREU

N'aquellas altas montanhas
Aonde Lilia nasceu,
Veio o rigor do inverno,
A minha Lilia morreu.

Assim como as flôres nascem
A minha Lilia nasceu,
Assim como as flôres morrem
A minha Lilia morreu.

Do monte veio um pastor
Á minha porta bateu,
Sómente dar-me a noticia
Que a minha Lilia morreu.

O céo cobriu-se de nuvens,
A propria terra tremeu,
Ouvindo a triste noticia
Que a minha Lilia morreu.

Ó morte, que mataste Lilia,
Mata-me a mim, que sou teu,
Fere-me com o mesmo ferro
Com que minha Lilia morreu.

DA INNOCENCIA O DÔCE ESTADO

Na minha pobre cabana
Eu vivia descançado,
Mas, oh céos! tão pouco dura
Da innocencia o dôce estado!

A pastora mais gentil,
D'estes campos, d'este prado,
Roubou-me sem eu sentir
Da innocencia o dôce estado.

Na porta da minha gruta
Me puz então assentado,
Invejando a quem gozava
Da innocencia o dôce estado.

Suspiros mil arrancava
Do meu peito amargurado;
Felizes todos que gozam
Da innocencia o dôce estado.

N'estes campos eu vivia
A apascentar o meu gado,
Sem idéas de perder
Da innocencia o dôce estado.

Pastor de amor sou todo,
Já estou desenganado,
Por gosto tenho perdido
Da innocencia o dôce estado.

Dou-te tudo quanto tenho
Por gosto tudo te hei dado,
Até dei-te sem sentir
Da innocencia o dôce estado.

Francina, vivo a pensar,
D'esta aldêa separado,
Suspirando por achar
Da innocencia o dôce estado.

PEZARES

Tal como a nuvem
Rubra-dourada,
Que co'alvorada
Foge, se esvai;
E' a minh'alma!
A mão do pranto
Roubou-lhe o encanto,
Deixou-lhe um ai!

Por isso eu triste,
Desalentado,
Busco no canto
Ser consolado.

Amei qual louco,
Dôce vertigem
Por uma virgem
Senti!... que amor!...
E d'essa bella,
Gentil criança,
Só a lembrança
Me resta, e dôr.

Por isso eu triste — etc.

Sonhos de gloria
Se dissiparam;
D'elles ficaram
Feroz saudade:

Fugiu-me o estro!
Sim, eu não minto;
Moço, me sinto
Sem mocidade!

Por isso eu triste — etc.

Os meus penates...
Tudo o que amei,
Onde os deixei,
Onde é que estão?
Tudo fugiu-me!...
Até o berço!
Vejo-me immerso
Na solidão!

Por isso eu triste — etc.

RECITATIVOS

FUJO DE VÊR-TE

Fujo de vêr-te, e no encanto d'alma
Gozo as delicias se te vejo alfim,
Fujo de vêr-te, e no encanto a calma
Perco se deixo de te vêr, oh! sim!

Fujo de vêr-te, pois teus olhos bellos
Matar-me podem sem pezar sentir,
Embora eu sinta só por ti desvelos,
Não posso vêr-te, nem sequer te ouvir.

Fujo de vêr-te, mas cruel tormento
Não póde amante supportar a dôr,
E no entanto só te vêr intento,
Sem que me peças não te digo amor.

Fujo de vêr-te, e dos passados gozos
Vai a lembrança te pedir perdão,
Mas esse orgulho que nos fez ditosos
Rojar não quero a teus pés, oh! não!

Fujo de vêr-te, e se me vês tristonho
Vejo em teus olhos reflectir-se a dôr,
Fujo de vêr-te, e se me vês risonho,
Quanto me alegra teu sorrir d'amor!

Fujo de vêr-te, mas se alegre ou triste,
Lugar n'esta alma caprichosa tens,
Se a copia tua no meu peito existe,
Porque a meus braços te lançar não vens?

GEMIDOS D'ALMA

Donzella bella, que incensei e amei,
Qual ama a chamma a mariposa airosa:
Meu peito, afeito a delicioso gozo,
Foi... teu morreu como a mimosa rosa!

*

Dilecto affecto te votava e dava
Minh'alma em calma, meu amor em flôr:
Desprezo acceso bem audaz, mordaz,
Me déste! encheste o trovador de dôr!

Ingrata! mata pouco a pouco o louco
Que triste viste te jurar—amar!
E, má, me dá esses desdens que tens,
Severos, feros, a me dar penar!...

Embora agora tu me estales, falles
Segredos tredos de cantor e amor:
Oh! diz, feliz:—És venturado e amado...
Engana! sana-me o travor de dôr!

Desejo um beijo de candura pura,
De um riso e viso, de delphim, p'ra mim...
Um lasso abraço a murmurar sem par
Paixão... que então és seraphim assim...

Porém, que tem meu coração?... Em vão
Em tudo illudo! Eis-te a fugir e a rir,
Do vulto estulto que em risonho sonho,
N'um céo sem véo te viu fulgir... sorrir!

Ai hoje... foge! Oh minha endeixa... deixa
Serena arena em que crepita a dita...
Que o pranto tanto, dos meus cantos santos,
Ai são canção de uma desdita afflicta!...

Gemidos fidos da minh'alma em calma
Sedentos, lentos a viver sem qu'rer!
No mundo immundo me esvaindo, o lindo
Amor em flôr a fenecer... morrer!...

J. Pereira de Almeida.

LUNDÚ

MUITO A MINH'ALMA SOFFREU

Amei de uma bella os olhos,
Uns olhos da côr do céo;
Por causa d'esses olhinhos
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta,
Olha teu dêngue,
Não mais me chames
Cacherenguêngue.

Tenho visto olhares ternos,
Porém nenhum como o teu;
Por causa d'esses olhares
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Dei-lhe um mimo feito d'ouro,
Um formoso camapheu;
Porém antes d'ella aceitar
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Quando fallei-lhe em amor
Toda ella estremeceu,
Ao vêl-a tremula de susto
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Tomei-lhe as mãos sem pedil-as,
Uni-as ao peito meu,
Mas ao sentil-a raivosa
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Meus carinhos, meus affectos,
Tudo ella aborreceu;
D'essa ingrata que mentiu-me,
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Esse anjinho tão formoso,
Nunca o amor concebeu,

Todo o tempo que adorei-a
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, escuta — etc.

Mello e Oliveira Junior.

MODINHAS

ESCUTA, OH VIRGEM

Para ser cantada na musica da modinha — *Virgem Santa*

Virgem santa e meiga a quem adoro
Mais do que o proscripto ao lar querido,
Escuta, oh virgem, o que sinto n'este peito,
Attende ao menos ao meu pranto, ao meu gemido.

Escuta, oh virgem, ao trovador que louco
Por ti vive só de amor já delirante;
Por Deus, não tenhas oh! tanto rancor d'elle
Que ha soffrido de mais por ser amante.

Deixa que n'essas faces de carmim
Sorva um beijo de amor em meu delirio,
Ah! não sejas cruel, tem dó de mim,
Attende ao menos a este meu martyrio.

Deixa que n'essas tranças de azeviche
Pouse um beijo com labios resequidos,
Que sentindo d'ahi grato perfume
Possa então acalmar os meus gemidos.

Se ouvires branda lyra por deshoras
Das cordas tristes sons só d'ais ferir,
Sente amor, sente amor, abre a janella,
Vem ouvir o teu bardo então carpir.

OS INSTANTES QUE NOS RESTAM

Os instantes que nos restam,
Linda Marcia, aproveitemos!
Instantes tão venturosos
Sabe o céo quando teremos.

Marcia, se os nossos destinos,
Curtos dias nos protestam,
Para que desperdiçamos
Os instantes que nos restam?

Ah! não percamos,
Minha querida,
Dôces momentos
Da nossa vida.

Se a risonha primavera
De nossos annos já vemos,
Da idade os bellos dias,
Linda Marcia, aproveitemos!

Vem, minha bella,
Entra em meu peito,
De amor nos una
Vinculo estreito.

Não percamos um instante
Dos nossos dias gostosos,
Antes que a morte nos roube
Instantes tão venturosos.

Vem, minha Marcia,
Que o tempo corre,
N'um'hora o homem
Se nasce, morre.

A gozar tão bellos dias
Sabe Deus se tornaremos,
O prazer que temos hoje
Sabe o céo quando teremos.

Vem, une á tua
A minha sorte,
Vivamos juntos
Até a morte.

A RECORDAÇÃO

Adorei na minha infancia
Bella joven seductora,
Foi feliz minha ventura,
Nossa sorte encantadora.

Mimosa flôr
D'haste pendida,
Vem recordar
Minha querida.

De amores as delicias
Em nossos peitos jazeram,
As sabias leis de Cupido
As nossas almas prenderam.

Mimosa flôr— etc.

Da nossa jura de amor
O hymeneu se apossou,
O dôce laço da vida
Té por fim se consummou.

Mimosa flôr — etc.

Correu o tempo veloz,
Seguiu-se a sorte fatal,
Mas em breve vi findado
O nosso amor conjugal.

Mimosa flôr— etc.

Pois a morte impia e féra
Roubar veio á minha amada,
Deixando em meu terno peito
Sua imagem retratada.

Mimosa flôr — etc.

Como prova de lembrança
Da nossa antiga ventura,
Fui plantar uma saudade
Junto á sua sepultura.

Mimosa flôr — etc.

Cresce commigo a saudade,
A lembrança do passado,
E assim a penar vivo
Carpindo o meu duro fado.

Mimosa flôr — etc.

Bem juntinho da saudade
Mimosa rosa nasceu,
Recordando o nosso amor
Da debil haste pendeu.

Mimosa flôr — etc.

— — —

RECITATIVOS

NEGRA SORTE

Ai, negra sorte! que cruel martyrio!
Na luz de um cirio se findou a lida!
Veio o cypreste me plantar saudade,
Qu'infelicidade nos vergeis da vida!

Arca sagrada — tu, infeliz mancebo,
No monte Nebo te escondeste só,
Não mais teus cantos ouvirei no mundo,
Gemer profundo se volveu no pó.

Flôres coitadas que na terra outr'ora
Tinham na aurora o bafejar do orvalho,
Murchas agora com horror pendidas
Choram sentidas — resequido o galho.

As flôres choram porque triste o céo
Lançára um véo sobre a manhã mais linda,
Carpindo a tarde se divisa lenta
A dôr cruenta que só n'alma finda.

Vate descrido no bercinho ameno
Cantou seu threno mas depois morreu,
Ave ligeira pelo sol queimada
Cahiu cançada — nunca mais se ergueu!

Foi qual a aguia que batendo as azas
N'um chão de brazas s'esqueceu do vôo,
Foi qual o cysne que a cantar nas aguas
Descanço ás magoas a chorar buscou!

Harpa arrojada, atirada a um canto
Só quer o pranto, a oração dos anjos,
Quebrada a corda — que lhe resta agora
Dos sons d'outr'ora — divinaes archanjos?

Resta a saudade, resta a agonia!
Prazer de um dia foi lembrança ou luto!
Pobre mancebo — no jardim ceifada
Arvore coitada que morreu sem fructo!

A mágoa, o pranto só ficou na terra,
N'ella se encerra fraternal o laço;
Assim foi passaro — na prisão captivo,
Não mais altivo esvoaçou no espaço!

Lyra encantada — uma manhã sem tarde
No fogo arde da paixão mais quente,
Depois a noite vem nublar impura,
Tornar escura — a vocação do crente!

Artista, genio — coração tão quente
Já não se sente, já não bate mais,
Vate na vida de gemer cançado
Foi apressado desprender seus ais!

Cheio de amores na feliz memoria
Tentava a gloria só erguer de pé!
Mas negra parca sepultar lá veio
O artista cheio de esperança e fé! —

Foi-se o passado a se toldar de escuro
E o fado impuro lhe surgiu medonho!
Mas foi sublime, governando a vista
Na terra artista — Raphael no sonho!

De Deus a imagem sobre ti pendida
Deixaste a vida e abraçaste a luz!
Meu Deus, disseste — para mim sorriste,
Em quanto triste te apontava a cruz!

Assim o martyr conduzindo a palma
Depoz su'alma lá nos céos um dia!
Ao Christo unido na final vertigem
A santa virgem lhe serviu de guia!

Ai, negra sorte! que cruel martyrio!
Na luz de um cirio se findou a lida!
Veio o cypreste me plantar saudade,
Qu'infelicidade nos vergeis da vida!

E tudo o esquece — só na terra existe
O amigo triste nos lamentos seus,
Tambem se finda a descantar ternura
Da sepultura no prezado adeus!

Candido José Ferreira Leal.

SONHEI-TE

Sonhei-te da paz no retiro profundo
Dos males do mundo fugindo ao baldão;
Sonhei-te nos dias de terna amizade,
N'amarga saudade de meu coração.

Sonhei-te, anjo puro, nos céos existente,
Quand'inda innocente no berço dormia,
Teu rosto divino d'archanjo n'um riso
Com terno sorriso p'ra mim se sorria.

Sonhei-te nas noites serenas d'estio,
As aguas do rio sentindo correr;
E vendo da praia nas rochas sentado
O sol namorado no mar s'esconder.

Sonhei-te de noite revendo as estrellas,
As luzes tão bellas dos astros dos céos;
Sonhei-te do mundo enganoso apartado,
De rojo prostrado no templo de Deus.

E quando mil votos traidores, mentidos,
Protestos fingidos no mundo encontrei;
Lá mesmo entre os braços d'amante enganosa,
Imagem formosa, comtigo sonhei.

LUNDÚ

GENTIS, VOSSÊ JÁ VIU, JÁ?

Lundú brazileiro, composto pelo curioso B. B., e posto em musica pelo professor Dorison

Gentis, vossê já viu, já,
Iôyô mais sidotô?
Que deixa o peito dá gentis
Fazendo tátá sem dô?

Qui ladrão que faz a gentis
Sentir por elle um bichinho,
Roendo no coração
Lhe pinicando mansinho.

Vossê, gentis, não tem, não,
Tambem seu camondonguinho,
Não tem amor, não quer bem
A algum iôyôsinho?

Pois é dôce, é bem gostoso
Ter a gentis seu ladrão,
Para alliviar as mágoas
De seu triste coração.

Não ha gentis de bom gosto,
Do grande tom rigoroso,
Que não tenha seu Adonis,
Seu trambolhinho amoroso.

O querer bem e amar
E o gostar, do que é bom,
Não offende, não é crime,
E não é peccado, não.

MODINHAS

A CONCHA E A VIRGEM

Linda concha que passava
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha onde estava
Triste donzella a pensar;

Perguntou-lhe: Virgem bella,
Que fazes no teu scismar?
E tu? pergunta a donzella,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha: Formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Não sei onde vou parar.

Diz-lhe a virgem sentida,
Que estava triste a pensar:
Eu tambem vago na vida
Como tu vagas no mar.

Vaes de uma a outra das vagas,
Eu de um a outro scismar,
Tu indolente divagas,
Eu vivo triste a cantar.

Vaes onde te leva a sorte,
Eu aonde me leva a Deus,
Buscas a vida, eu a morte,
Buscas a terra, eu os céos.

SE O FADO ASSIM TE ORDENA

Se o fado assim te ordena
Cumpre-o e sê-me constante,
Que no lugar mais remoto
Saberei ser tua amante.

Mesmo distante
Te guardarei
O fido amor
Que te jurei.

Inda mil braças
Na sepultura,
Te serei firme
Na minha jura.

A cruel sorte
Com seu rigor
Quebrar não póde
Meu firme amor.

Ah! sê constante,
Guarda-me amor,
Ah! não me sejas
Falso e traidor!

D. Preciosa G. P. Duarte.

A MARINA

Para ser cantada na musica da modinha — *Quando eu morrer não chorem minha morte*

Quando um dia me vires vacillante
Percorrendo esse trilho de amarguras,
Não me dês um olhar, não me maldigas,
Nem sorrias das minhas desventuras.

*

Não sorrias, mulher, pois não soubeste
Dar vida ao infeliz que agonisava,
Foste o vento maldito que assoprando
As petalas da florinha desfolhava.

Vampiro feminino que sugaste
O alento d'esta alma enfebrecida,
Insecto venenoso que perpassa
E rapido como a setta rouba a vida.

Sem dó, sem compaixão aniquilaste
Um futuro tão ledo que sonhei,
Mulher, tu me illudiste, não me falles,
Nem digas que eu tão louco te adorei.

Tu não és a visão que eu contemplava
Em meus sonhos de amor junto ao seu leito,
Que essa tinha, ó mulher, um coração
Palpitando de leve no meu peito.

Tu não és a visão de vestes alvas
Que tão pura e gentil me apparecia,
Sua voz era meiga como a rôla
Soltando pura endeixa de harmonia.

Quando um dia me vires sobre a estrada
Succumbindo infeliz ao desalento,
Não me dês um olhar, não quero ouvir-te,
Não venhas avivar o meu tormento.

Se as turbas curiosas perguntarem
O nome de quem jaz agonisando,
Responde desdenhosa á populaça:
Um louco por amor, um miserando!

Alvarenga Netto.

DESDE O DIA EM QUE TE VI

Desde o dia em que te vi
Ainda em botão, bella flôr,
Vi-te e guardei em meu peito
Amizade e puro amor.

Mas se algum dia eu podesse
Desfrutar amores teus,
Então sorrindo eu diria:
Tu és minha, encantos meus.

Por mando da flôr
De minha affeição,
Vieram tres rosas
Ainda em botão
Plantar em meu peito
Amor e paixão.

N'essas petalas de carmim
Que retratam formosura,
Ficou minh'alma gravada,
Mas gravada sem ventura.

Porém quando a morte impia
Meus tristes dias findar,
Vai, oh flôr de meus encantos,
Lá na campa vegetar.

Lá d'entre os sepulchros
De orvalho banhada,
Revela teu cheiro
Na triste morada,
Que assim é minh'alma
Ao Empyreo levada.

RECITATIVOS

CARMINIA

Carminia em trajes que a manhã consente
E reclinada n'um divan — sósinha,
Espera a noite p'ra tornar-se bella
E do seu baile se fazer rainha.

Tem ella o peito de paixões eivado,
No pensamento só possue amores,
Pensa em delicias, não sabendo ella
Que após os gozos se succedem dôres.

Esquece tudo, p'ra lembrar-se apenas
Que é moça e linda — que possue grandezas;
Só de seus labios se desatam risos
Se em dextra alheia ella vê riquezas.

E' uma d'essas cortezãs da época
Que tudo exprimem n'um olhar sómente,
Recebe em troca dos amantes seus
Montões de ouro por um beijo ardente.

De Margarida Gautier é copia,
Despreza o homem que a venera tanto,
Sorri de jubilo se nas faces d'elle
Enxerga os sulcos de amargoso pranto.

São estes entes o retrato vivo
Da flôr garbosa — de manhã nascida,
Que apenas chega o tufão da tarde
Eil-a sem folhas — pelo chão cahida.

E aquelles mesmos que no hastil a viram,
Que a contemplaram tão garbosa e bella,
Nem se recordam da manhã passada
E vão passando sem olhar p'ra ella.

E a pobre rosa pelo chão rojada
Reflecte como a felicidade corre;
E impellida pelo vento — a flôr —
Vai ter ao ceno que a recebe — e morre!

Gualberto Peçanha.

A MORENINHA

Tu pedes um verso, gentil moreninha?
Se queres meu canto tristonho te dou,
Não sintas que eu chore, que o choro é meu canto,
Morreram meus gostos, poeta não sou.

Tu pedes um verso, gentil moreninha?
Vem preste sentar-te bem junto de mim...
Escuta uma historia dos tempos passados...
Mas olha... Não chores! não chores assim...

Escuta uma historia dos tempos passados,
Historia tão triste que eu temo contar-te:
Amei uma virgem, seu nome era Rosa,
Morena, tu coras?... Não quero enfadar-te...

Amei uma virgem, seu nome era Rosa,
Morena, tu sabes, que vida eu gozava?
Amaste algum dia; responde? ó morena,
A vida era um sonho, sonhando a passava.

Amaste algum dia? responde, ó morena,
Sentiste no peito doçuras de amor?
Trocaste algum beijo nos fervidos votos,
Cercada da briza, dos céos e da flôr?

Trocaste algum beijo nos fervidos votos,
Morena, trocaste na jura sagrada?
E' prece divina que os anjos entoam,
Se jura tão santa presiste guardada.

E' prece divina que os anjos entoam
E ella jurava —jurava constante,
Na patria querida sorrindo aos prazeres,
Com fé protestava nas juras do amante.

Na patria querida sorrindo aos prazeres
Eu tinha esperanças de um dôce porvir,
Um dia, p'ra longe dos lares paternos,
Jámais eu pensára tão cedo sahir.

Um dia p'ra longe dos lares paternos
A sorte imprevista meus passos guiou;
Morena, eu não digo... meu peito se parte,
Mas, ouve... essa virgem taes juras quebrou.

Morena, eu não digo... meu peito se parte...
Distante da patria dous annos passei,
Voltava eu contente, correndo a chamal-a,
Nadava em prazeres, quando ella avistei.

Voltava eu contente correndo a chamal-a,
Mas vejo... que um outro beijava-lhe a mão...
Não sou eu teu noivo?... Risonho lhe digo:
A impia, sorrindo, responde-me:—Não!...

LUNDÚ

O RETRATO DE SINHÁSINHA

Escutem bem
Que vou cantar,
Uma menina
Vou retratar.

Cabeça immunda,
Cheia de caspa,
Tira aos alqueires
Quando se raspa.

Não tem orelhas
Por seus peccados,
Tem os lugares
Esburacados.

Os olhos vesgos
E agathados,
'Té sem pestanas
Sapirocados.

Nariz enorme
E acachapado,
Toma-lhe a cara
De lado a lado.

A bocca é grande,
Dentes compridos,
Cheios de sopas
E alguns cahidos.

Os seus peitinhos
São de borracha,
E os biquinhos
São de tarracha.

Os seus bracinhos
De orango-tango,
Suas perninhas
De magro frango.

Cintura fina,
Bunda não tem.
O mais não digo,
Eu sei mui bem.

Quem apanhar
Bichinho igual,
Deve-o guardar
Para signal.

MODINHAS

A NOIVA DO SEPULCHRO

Poesia do snr. J. Norberto de Sousa e Silva, e musica do snr. F. de S. Noronha

Uma cruz e bronca pedra
Eis a sua sepultura;
Ah! por minha desventura,
Aqui jaz, silencio, amor!
Minhas lagrimas sómente
Denunciem minha dôr!

Infeliz!... Elle saudoso
O prazo dado aguardava;
Sente passos... me julgava,
Mas o fere vil traidor!
Oh cruel, podeste tanto?
Como é dura a minha dôr!

Tosca cruz... pedra sagrada,
Recebei meu triste pranto!
Recebei em penhor tanto
Minha dextra, e meu amor!
Oh! console este consorcio
Da saudade a minha dôr!

SEM A TUA COMPANHIA

Como quem vive nas trevas
Privado da luz do dia,
Assim eu sinto minh'alma
Sem a tua companhia.

Sou uma harpa já quebrada
Que sôa sem melodia,
Sou uma flôr desfolhada
Sem a tua companhia.

Não sinto o menor prazer,
Não pousa em mim alegria,
Sou uma estatua sem vida
Sem a tua companhia.

Sou um cadaver, meu anjo,
Deitado na campa fria;
Não posso ter existencia
Sem a tua companhia.

J. B. S.

NÃO POLKAS?

Imitação de uma nitheroyense, para ser cantada com a musica da valsa — *Oh que linda moça!*

Não polkas, Cazuza?
Ai! vamos polkar;
Eu quero, em meus braços
Prender-te com laços:
Eu quero correndo,
Na polka me erguendo,
Comtigo sonhar!

Ai! vamos, corramos
E nada temamos
No nosso polkar;
Meu peito estremece:
A orchestra parece
Que quer acabar!

A polka não cança;
Ai! vamos polkar...
Eu quero, correndo,
E tonto te vendo
Dizer-te um segredo
A furto... com medo,
Depois me sentar.

Eu quero cançada,
Comtigo abraçada,
Dizer-te — meu bem —
Eu quero mostrar-te
Que só hei-de amar-te
A ti — mais ninguem.

No forte da polka
Não fujas de mim...
Não vês que enlouqueço,
Por ti só 'stremeço?
Não fujas, querido...
Me tens entendido?
Não sejas assim!

Corramos, meu bem,
Commigo ninguem
Jámais polkará:
Sou tua e és meu...
Por tudo que é teu,
Sagrado que ha!

RECITATIVOS

VEM... MORENA!...

Oh! vem, morena, que te chama o bardo,
Humilde escravo de teu mago olhar;
Quero em teu seio reclinar a fronte,
Quero em teu seio adormecer — sonhar.

Vem, serás minha, minha só, morena,
Por quem no mundo existirei de amores,
Serás a imagem a me dourar os sonhos,
Serás um anjo a mitigar-me as dôres.

Oh! vem, morena, não vacilles, vem,
Quero em meus braços t'estreitar — fremente,
Serás a minha Malibran formosa,
Por quem a vida offertarei contente.

Vem... que me importa d'este mundo as fallas
Se tu me adoras, se eu tambem te adoro,
Se acaso folgas, sou contente ao vêr-te,
Se tu padeces tambem soffro — choro.

Oh! vem, morena, esqueçamos tudo,
Habitaremos da florestra em meio;
Quando dormires velarei teu somno,
De lindas flôres cobrirei teu seio.

Lá viveremos qual no céo os anjos,
Frondentes arv'res nos darão abrigo;
E quando a aurora despontar risonha
O sabiá conversará comtigo.

Oh! vem, morena, na soidão das matas
Olvidaremos d'este mundo as galas;
Existiremos um p'ra o outro — apenas
Trocando mutuas — amorosas fallas.

Nada receies, vem fruir commigo,
Que te idolatro — um existir de flôres,
Longe das turbas — tudo são delicias,
Longe das turbas — não existem dôres.

Oh! vem, morena, gozaremos juntos
Este amor santo, abençoado, puro;
Serás meu anjo tutelar na vida,
Mesmo além-tumulo te amarei — eu juro.

Gualberto Peçanha.

GEMIDOS D'ALMA

Feliz eu fôra, se tivesse agora
Lyra sonora, p'ra cantar fulgôres;
Feliz eu fôra, se minha alma louca,
Cançada e rouca, não sentisse dôres.

Feliz eu fôra, se minha'alma triste
Que tu feriste, fatal crença ingrata;
Me désse amor, mas désse amor constante,
Que dôcemente, nossa vida mata.

Feliz eu fôra, se em sonhar d'amores
Mimosas flôres, junto a mim tivesse;
Então quizera que seu lindo rosto,
Ao meu desgosto, outra vida désse.

Feliz eu fôra, se meu pobre peito,
Sentisse o effeito de gentil amor;
Então veria o meu archanjo lindo
P'ra mim sorrindo, desterrar-me a dôr.

Feliz eu fôra, se podesse agora,
Como out'ora, não sentir paixão;
Por esses olhos de belleza cheios
Que a seus enleios me arrastando vão.

Feliz eu fôra, se a mente inquieta
Com voz dilecta, me dissesse... amai...
A joven bella, de teus sonhos queridos,
Os teus gemidos escutando vai.

Feliz eu fôra, se o fatal destino
Me désse um hymno de gentil esp'rança,
Depois da infausta illusão perdida,
Me désse á vida o que a vida cança.

Feliz eu fôra, se gozasse tanto;
Mas tal encanto para mim não ha;
Cruel tristeza me escurece a alma,
Me rouba a calma que o prazer me dá.

LUNDÚ

LUNDÚ DAS MOÇAS

Para o dia de Santo Antonio

Santo Antonio, meu santinho,
Attendei minha oração,
Eu prometto ter-vos sempre
Junto do meu coração.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio,
Para que o demonio
Não venha tentar,
A dar-vos um banho
No fundo do mar.

Dai-me um noivo, meu santinho,
Um noivo gordo ou bem magro,
Que me adore, e recompense
O amor que lhe consagro.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Não o quero dos que fallam
Em bailes, funcções sómente,
Que esses tirados d'ahi
A fórma só tem de gente.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Não me dês d'estes que fallam
Com modos de santarrão,
Que cochicham segredinhos
Limpando as unhas da mão.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Dos que olham com tregeitos,
Com artes não sei de quê,
Fallando sempre em amores,
Meu santinho, não me dê.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Dos que andam farejando
Casamentos com dinheiro,
D'esses não, porque só querem
Escrava no captiveiro.

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

Dos beatos moralistas
Que a tudo chamam indecente,
Cruz, demonio! Agua salgada!
Deus me livre de tal gente!

Livrai-me do laço,
Oh meu Santo Antonio — etc.

MODINHAS

QUANDO MARILIA BELLA

Quando Marilia bella
De algum pastor se agrada,
Treme de susto e de zelo
A minh'alma apaixonada.

Ah! corações insensiveis,
Que amor ancioso brada,
Sirva de exemplo a todos
A minh'alma apaixonada.

DESPEDIDA

Quando, Marilia bella,
Teus mimos eu gozava,
E mais absorto estava
Na gloria de te vêr,
Invejoso o destino
Do meu contentamento,
No mais cruel tormento
Tornou nosso prazer.

Decreta rigoroso
Que eu gema toda a vida,
Nem um'hora de alegria
Se atreve a conceder.
Dos braços teus me aparta,
Da patria me desterra,
Vagar de terra em terra
Me ordena até morrer.

Cumprir me foi forçoso,
Cara, os decretos seus,
E nem um terno adeus
Te pude, ó céos! dizer.
Chorai, meus tristes olhos,
Chorai tão dura sorte,
Até que o véo da morte
Vos venha escurecer.

JUNTO AO CEMITERIO

Poesia do snr. José Victorino, e musica do snr. Elias Alvares Lobo

De que valem grandezas da terra,
Seus orgulhos despidos de amor,
Se as grandezas tão fôfas que encerra
Se sepultam da campa no horror?...

De que valem sorrisos fagueiros
Desprendidos sem alma ou ardor,
Se os sorrisos voando ligeiros
Vão sumir-se da campa no horror?...

De que valem bellezas na vida
Sem o brilho do meigo pudor,
Se a belleza, qual flôr já pendida,
Perde o viço da campa no horror?...

De que valem na vida os prazeres,
Ternas phrases, do ouro o fulgor,
Se taes brilhos, encantos, poderes
Lá se esconde da campa no horror?...

Esta vida é votada á tristeza,
Ás miserias, aos prantos e a dôr!
N'ella a gloria, o poder, a belleza,
Tudo foge da campa no horror!...

Venha embora uma falsa doçura
D'esta vida occultar o amargor,
Tudo acaba! sómente a alma pura
Não succumbe da campa no horror.

CANÇÃO

A DESPEDIDA DO VULUNTARIO

Composição do snr. José Rufino de Oliveira Costa

Adeus, terra de meu berço,
Patria minha tão querida,
Em defeza de teus brios
Vou arriscar minha vida.

Adeus, minha mãi sagrada,
A quem devo tanto e tanto!
Roga a Deus p'ra que eu não morra,
E volte a enxugar teu pranto.

Adeus, querida maninha,
Anjo do céo, flôr da terra...
Já ouço o som da trombeta
Que me chama para a guerra.

Adeus, mulher adorada,
Meiga, terna, dôce amante;
O osculo da despedida,
Ah! vem dar-me n'este instante.

Adeus, terra de meu berço,
Adeus, minha mãi sagrada,
Adeus, querida maninha,
Adeus, mulher adorada.

Adeus, excelso monarcha
D'aureo torrão brazileiro,
Abençôa o teu soldado,
Aperta a mão do guerreiro.

Lá nas campinas do sul,
Sempre em memoria terei
Patria, mãi, irmã, amante,
Meus deveres e o meu rei.

RECITATIVOS

MINH'ALMA É TRISTE

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria;
É dôce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares,
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Ás vezes, louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa!

E como a rola que em sentida queixa
O bosque acorda desde o alvor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gozos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste,
— Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos — a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como a flôr que morre
Perdida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem dôce canto o sabiá do mato!

E como a flôr que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da briza,
Minh'alma murcha, mas ninguem a entende,
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amôr bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a prendi nos braços!
Que o diga e falle o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dous laços,
Ambos choramos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gozos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— Eu vejo o mundo na estação das flôres...
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
É como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afão da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a serêa
Que em dôce canto me attrahiu na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão rasas!...
—Pombo selvagem, quiz voar contente...
Feriu-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gozos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
—No amor, na gloria, na mundana lida
Foram-se as flôres—a minh'alma é triste!

Casimiro de Abreu.

NÃO POSSO ESQUECEL-A

Não posso esquecel-a que é muito formosa,
Tão meiga, tão linda, de faces rosadas;
Que olhos tão ternos, que olhar penetrante,
Que louros cabellos em tranças largadas!

Não posso esquecel-a que é um anjo na terra,
É fada gentil, tem tanta ternura...
Me chamem de louco, que importa que o seja?
Eu quero ser louco por tal creatura.

Não posso esquecel-a, desejo adoral-a,
Embora que o fado nos tente apartar,
Que importa soffrer da sorte os dictames
Se lá na mansão a pretendo abraçar?

Que importa que eu soffra tormentos horriveis
Amando essa joven de tanta belleza?
Não posso esquecel-a, não devo, não quero,
Não pecco em amal-a com tanta firmeza.

LUNDÚ

NÃO HA TROCOS MIUDOS

Para ser cantado pela musica do lundú — *Eu gosto da côr morena*

Anda o povo em multidão,
Que confusão!
Lastimando o duro fado,
Sem poder comprar mais nada,
Ai! caçoada,
Ter dinheiro desprezado.

Quer seus dôces bons comer
E beber,
O deus Baccho queridinho,
Ha-de só os adorar,
Sem tocar,
Pois não ha mais trocosinho.

Quanto é triste n'esta vida,
Esta lida,
De confusa andar as leis,
Sem saberem sustentar,
Bem mandar,
Haver troco aos pontapés.

Só lá querem aceitar,
Destrocar,
Nota grande aos moçosinhos
Bem janotas e trajados,
Afamados,
Do Thesouro empregadinhos.

Estes são bem garantidos,
São servidos
De miudos a fartar,
Só não tem os pobresinhos,
Coitadinhos,
Que ha-de a nota cambiar!

Tudo isto a quem devemos,
Nem sabemos,
Se á Justiça, se ao Poder;
Queira o povo lastimar,
Esperar,
Mundo novo apparecer.

Adeodato Socrates de Mello.

MODINHAS

BASTA, AMOR, MEU TERNO PEITO

Basta, amor, meu terno peito
Assás penado já tem,
Para sua desventura
Foi bastante querer bem.

Amor, escuta
Tão justa queixa,
Amor, piedade,
Vai-te, me deixa.

O pranto me inunda a face,
Nos olhos não se detem,
Quem quer chorar, como eu choro,
Custa pouco, queira bem.

Amor, escuta — etc.

Contra os delirios de amor
A razão força não tem,
Que a razão é só chimera
Se se oppõe ao querer bem.

Amor, escuta — etc.

N'UMAS DESERTAS PRAIAS

N'umas desertas praias
Abandonou-me Armia,
Inda me lembra um dia
Tão triste para mim.

Fiquei sobre o rochedo
De todas abandonado,
Entreguei-me á lei do fado,
Os meus gostos deram fim.

Echo saudoso
Chega ao baixel,
Traz-me noticias
D'esta infiel.

Ciumes e saudades,
Tormentos e dôres,
São estes os premios
Que tive de amores.

O fado tyranno,
A barbara sorte,
Acaba com a morte
Tão duro rigor.

UMA VISÃO

Poesia do snr. Gonçalves Dias, e musica do snr. José Amat

Quando o somnõ me pesa nos olhos
Revoar sinto em torno de mim,
Vaga sombra que ameiga os meus sonhos,
Talvez fórma de algum seraphim.

Toda a noite um adejo suave
Me acalenta com meigo frescor,
Vem, meu anjo, dos cilios retintos
Vem levar-me nas azas de amor.

Passo a noite se acaso repouso,
Sempre a vêr-te nos meus sonhos d'ouro;
Alva a tez, breve a bocca rosada
Sob o véo escondido um thesouro.

N'uma rede de encantos me prendes
Com grinaldas de mystico odôr,
Vem, meu anjo, dos cilios retintos
Vem levar-me nas azas de amor.

Bella fada que douras meus sonhos
Que sympathica a vida me fez!
Já não és illusão mentirosa,
Eu te vejo acordando talvez!

Bello anjo d'uma alma celeste
Seu dôce olhar de graça e pudor,
Vem, meu anjo, dos cilios retintos
Vem-me arroubar d'extremos d'amor.

COMO ADORAR-TE?...

Perdão, mulher, se te adorei um dia,
Se loucas phrases desprendi sorrindo;
Disse: «eu te adoro» no fallar, mentindo
Balbuciei o qu'eu então sentia.

Como adorar-te, se não tenho amores,
Como verdade te fallar, se minto?
Como adorar-te, se nest'alma sinto
Crueis tormentos — infinitas dôres?

Como adorar-te, se gastei meus dias
Nos attractivos da mulher perdida?
Como adorar-te, se gastei a vida
Com as Bacchantes — nas venaes orgias?

Como adorar-te, se não tenho crença,
Se vivo errando n'este mundo á tôa,
Se de mancebo virginal corôa
Eu desfolhei-a com angustia immensa?

Como adorar-te, se me vejo só
Dentro do peito acalentando a dôr?
Como, donzella, te offertar amor
Quem só implora compaixão e dó?

Guarda de virgem, este casto amor,
Penhor sagrado de quem é criança,
Qu'este meu peito que não tem esp'rança
Só guardará o soffrimento — a dôr.

Gualberto Peçanha.

TRISTES HARPEJOS

Não chores, mancebo, nos sonhos da vida,
Na triste guarida de amor e soffrer!
Não chores, teus prantos de dôres partidos
Não pagam gemidos de amargo viver!

Não chores, teu peito de magoas coberto
Bem póde, deserto de gozos, murchar!
Não chores, que a senda dos *tristes harpejos*
Te rouba os adejos colhidos no lar!....

Não chores, Quiquita, tirada dos braços,
Dos dôces abraços de ti, feneceu!
Não chores, su'alma da lamina indina,
Lá foi-se divina, p'ra o gremio do céo.

Não chores, que a vida de acerbas torturas
Em tantas doçuras ás vezes se faz!
Não chores, que o anjo dos teus amargores
Te guarda os amores, que um dia terás!...

Não chores, mancebo, nos cardos da vida,
Na triste guarida de amor e penar!
Quiquita era virgem — morreu innocente!
Não resta inclemente — por ella — chorar!

Casimiro Ramalho.

LUNDÚ

CONSELHOS AOS HOMENS

Amar a moça formosa
E' muito bom, é gostoso,
Em quanto ella nos tributa
Amor sincero, extremoso.

Mas se ella nos finge
O que a alma não sente,
Se de outro os carinhos
Afaga e consente...

Então é tolice
Ser d'ella amador,
Então, meus amigos,
Fujamos de amor.

Amar a moça que é feia
Ás vezes tambem é bom,
Se ella tem alguma graça,
Se é rica, ou do grande tom!

Mas se ella sem graça
Seu corpo atavia,
Se é pobre e ser tola
Em tudo annuncia...

Então é tolice — etc.

Amar a moça faceira
Ás vezes tem cabimento
Se no olhar, se no riso,
Revela discernimento.

Mas se ella é louquinha
No riso, no olhar,
Se a todos namora
Para vêl-os penar...

Então é tolice — etc.

Amar a moça que é fria,
Nem sempre é um grande mal,
Se com pressa ella repelle
Os planos d'audaz rival.

Mas se ella sem alma
O amor desconhece,
Se nossos protestos
Despreza ou esquece...

Então é tolice — etc.

Amar a moça da côrte
É quasi sempre o melhor,
Se ella é modesta e poupada,
E é constante no amor.

Mas se ella só vive
P'ra festas gozar,
Se a moda idolatra
E só sabe gastar...

Então é tolice — etc.

Amar a moça da roça
Ás vezes é preferivel,
Se não é afidalgada,
E tem um'alma sensivel.

Mas se ella orgulhosa
De seus cafezaes,
Os pobres despreza
E os julga animaes...

Então é tolice — etc.

Amar a moça instruida
Nos póde fazer feliz,
Se a seu espirito illustrado
O proceder não desdiz.

Mas se ella illudida
Por falsos principios,

Nos céga e conduz
A mil precipicios...

Então é tolice — etc.

Amar a moça simploria
É boa cousa talvez,
Se ella tem alguns instantes
De amorosa lucidez.

Mas se ella em su'alma
Affectos não tem,
E até não destingue
O mal nem o bem...

Então é tolice — etc.

MODINHAS

SE A CHAMMA ACTIVA

Se a chamma activa
Que tu m'inspiras,
Mimosa Lilia,
Tambem sentiras;

Davam-me os céos
O bem maior,
Os céos não valem
Um teu favor.

VIDA E MORTE

Poesia de Mello Moraes Filho, e musica de Calado Junior

Linda flôr, como és mimosa
Na tua manhã primeira;
És como a virgem formosa
Cantando de amor fagueira.

E que côr tu tens suave,
Como realças no monte!
Semelhas á branca neve
Que se balouça na fonte.

São teus cantos os da briza
Que te beijou ao nascer,
O teu véo a nuvem lisa
Que pelo ar vai descer.

Mas... que vejo! emmurchecida
Aos silvos d'atro tufão...
Não tens perfumes? perdida
Tu jazes no frio chão?!

Revive, bella florinha,
Que quero te dar um canto,
Serás p'ra sempre a rainha
D'esta alma que te quer tanto.

Mas qual assim é a vida
N'este viver de amargura,
Ao principio embellecida
De pensamento e ventura.

E depois, um vento frio
Desbota as flôres do peito,
E da morte o calefrio
Nos atormenta em seu leito.

TÃO LONGE DE MIM DISTANTE

Tão longe de mim distante
Onde irá teu pensamento?
Quizera saber agora
Se esqueceste o juramento.

Quem sabe se és constante,
Se ainda é meu teu pensamento?
Minha alma toda devora
Da saudade agro tormento.

Vivento de ti ausente,
Ah! meu Deus, que amargo pranto!
Suspiros, angustias, dôres,
São as vozes de meu canto.

Quem sabe, pomba innocente,
Se tambem te corre o pranto!
Minh'alma cheia de amores
Te entreguei já n'este canto.

RECITATIVO

CRENÇA E MORTE

Não tenho lyra para decantar-te,
Só para amar-te vim aqui, oh virgem;
Tu és o anjo que me déste alento
Ao soffrimento de que foste origem;

Tu és tão linda, tão formosa e pura,
Tua candura, enlaçou minh'alma.
Louco corri... e para mim sorrindo
Disseste rindo:—não te dou a palma.

Eu vi-te, bella, a me fallar de amores
Por entre as flôres, de um jardim mimoso;
O sol no occaso desmaiava—além
Na côr que tem, nosso céo formoso.

Na branda aragem do soprar da briza
Que se desliza sobre um mar tão quedo;
Ouvi a queixa sonorosa — triste
Dizer que existe, bem fatal degredo.

Entre scismas a divagar tristonho
Sempre risonho teu semblante vi,
E entre queixas de sentido pranto
Senti o encanto que me prende a ti.

E se algum dia nos vai-vens da sorte
Vier a morte regelar meu peito;
Vai ao sepulchro de teu pobre noivo
Deitar um goivo, de amizade em preito.

Eugenio Passos.

LUNDÚ

JÁ NÃO HA TROCOS MIUDOS

Para ser cantado pela musica do lundú — *Estamos no seculo das luzes*

Já não ha trocos miudos
N'esta nossa capital,
Os cambistas são os grandes
N'esta época fatal.

Os pobres é que se vêem
Em assados e apuros,
Pois desejando miudos
Hão-de pagar grandes juros.

Um gasto de tres mil reis
Não é nada, ainda é pouco,
P'ra uma nota de dez
Dizem logo: — Não ha troco.

Até nas casas de pasto
As listas tem um letreiro,
Dizendo que p'ra comer
Levem trocado dinheiro.

Já se vê pelas vidraças
Letreiros sobre papeis
Dizendo não haver troco
Mesmo p'ra cinco mil reis.

De maneira que o pobre,
Mesmo tendo algum dinheiro,
Não trazendo os taes miudos
Passará por caloteiro.

Correm annuncios com letras
De palmo de comprimento
Dizendo que os taes miudos
Vendem-se a doze por cento.

E não sabemos té onde
Tudo isso irá parar,
O certo é que o pobre
Ha-de — soffer e calar.

Houve ha pouco uma assembléa
Já se sabe, de graúdos,
Para vêr se decidiam
A questão dos taes miudos.

Ainda agora se espera
Pela tal resolução,
Não admira pois tudo
É assim n'esta nação.

As cousas estão mudadas,
Já se despreza os graúdos,
Pois agora só imperam
Como é sabido, os miudos.

E quem ha-de nos valer
Em momento tão sinistro?...
Ah! já sei, corramos todos
Ao palacio do ministro.

Gualberto Peçanha.

FADINHO

O CRAVO, DEPOIS DE SECCO

O cravo, depois de secco,
Bota-se por ahi além;
A rosa, quanto mais secca,
Tanto mais prestimo tem.

Que lindo botão de rosa
Que aquella roseira tem!
Debaixo ninguem lhe chega,
Acima não vai ninguem.

A rosa que é bem nascida,
Tem acções de bem criada;
Ainda que se ache offendida
Não se mostra apaixonada.

A rosa muito aberta
Qualquer vento a desfolha;
A moça muito garrida
Qualquer rapaz a namora.

Brilha, rosa que nasceste
Na mais linda primavera;
Foste nada entre os espinhos
Para mais brilhares na terra.

Aqui d'onde estou bem vejo
Uma rosa singular;
Tenho gosto de a vêr,
Pena de não a gozar.

Rosa branca na silveira,
Cravo rosado do monte:
Quem quer vêr a rosa alegre
Ponha-lhe o cravo defronte.

A rosa muito aberta
Nenhuma valia tem;
Ao botãosinho fechado
Todo o mundo lhe quer bem.

Perde a rosa o cheiro fresco,
Tambem perde a linda côr;
Tudo tem sua mudança,
Só não deixo o meu amor.

Oh! rapaz que vendes rosas,
Vem cá que eu tenho dinheiro;
Vende-me das fechadinhas,
Que as abertas não tem cheiro.

Aqui d'onde estou bem vejo
Uma rosa para abrir;
Quem me dera ser sereno,
Que n'ella fôra cahir!

Minha rosa mui brilhante,
Todo o mundo te cubiça;
Ao domingo na igreja
Quem te vê não ouve missa.

Eu não te adoro, janella,
Pois não tens merecimento;
Adoro aquella rosa,
Que está da banda de dentro.

A rosa quer-se apanhada
Antes do sahir do sol;
O cravo ao meio dia,
P'ra seu cheiro ser melhor.

MODINHAS

JÁ NÃO SINTO POR TI TANTO AMOR

Se és anjo no rosto e belleza,
Tens no peito de fera o rigor,
Ai! não temo teus feros enganos,
Já não sinto por ti tanto amor.

Desligaram-se os teus dos meus dias
Como o vento desfolha uma flôr,
Não quizeste que a flôr fosse minha,
Já não sinto por ti tanto amor.

De teu olhar no terno desmaio
Vejo escripto a traição e o furor,
Me enganaste a luz de meus olhos,
Já não sinto por ti tanto amor.

Desligaram-se os teus dos meus dias
Como o vento desfolha uma flôr,
Não quizeste que a flôr fosse minha,
Já não sinto por ti tanto amor.

ROMANCE

NOIVA DESERTORA

—Deus esteja com as tias
Todas tres a costurar.
« Deus venha com o sobrinho
Que vem de passar o mar.

—Que é do cavallo branco
Que eu deixei aqui ficar?
« Vosso cavallo, menino,
Lá nas guerras ha-de andar.

—Que é do meu annel de ouro
Que eu deixei aqui ficar?
« O vosso annel, menino,
No dedo da prima ha-de andar.

—Que é da minha rica prima
Que eu deixei aqui ficar?
« A vossa prima, menino,
Já comnosco não quiz estar;
Está hoje cozendo pão
Para ámanhã se casar.

—Digam-me as senhoras tias
Ella onde vai morar?
Quero ir a sua casa,
Quero com ella fallar.

« Menino, não vades lá,
Que elles podem-vos matar.
—Matarem-me, senhores, não,
Que eu tambem sei praticar;
Nas terras por onde andei
Aprendi a conversar.

Quando lhe bateu á porta
Já estavam p'ra jantar;
Arrearam-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.

—Deus esteja com os folgantes,
Pois bem sabem que é brincar;
Não se arrojem as cadeiras,
Não me quero assentar,
Não me quero assentar, não,
Nem nada quero gastar;
Se o noivo dá licença
Á noiva quero fallar.

—« Licença, senhor, a tem,
Se ella lh'a quizer dar.

— Toma lá este vestido
Para levares a casar;
Outros melhores que eu tinha
Não os quizeste ganhar.

« Aqui d'el-rei quem me acode,
Justiça a este lugar!
Os meus primeiros amores
No coração tem lugar,
Vá o noivo para â rua,
Fique este no seu lugar.

CANÇONETA

VIVA O ZÉ PEREIRA!

Poesia do snr. Francisco Corrêa Vasques

CORO

E viva o Zé Pereira!
Pois que a ninguem faz mal,
E viva a bebedeira
Nos dias de carnaval!
Zim, balala! Zim balala!
E viva o carnaval!

*

Uma tarde passeando
Lá na rua do Sabão,
Eu fiquei sem meu chapéo
Por causa da viração.
Eu não sinto o meu chapéo
Nem qu'isto me aconteça,
Sinto só deixar com elle
A minha pobre cabeça.

E viva o Zé Pereira — etc.

Uma vez brincava eu
Com dous caroços de *mangas*
E em casa sem querer,
De vidro, parti as mangas.
Fujo p'ra a rua, que a velha
Queria escovar-me o pó,
E uma *manga* d'agua ensopa-me
As *mangas* do paletot.

E viva o Zé Pereira — etc.

Uma vez em certo hotel
Uma tainha eu comia
Que o sujeito afiançava
Ser pescada n'esse dia;
Caça o dinheiro da gente
Com elle faz sua dita
Sendo ás vezes estas *casas*
Escassas varas de chita.

E viva o Zé Pereira — etc.

Pois bem, meu pai, eu fico
Da sua *fazenda* guarda,
Mas como eu *ademenistro*
Quoro já ter uma *farda*.
Isso até não se *pregunta*
Tendo o negocio na mão
Eu havia de ter *pasta*
Da *fazenda* de *argodão*.

E viva o Zé Pereira — etc.

Vossês são uns idiotas
Em pensar qu'eu subo a serra,
Mas eu vou então provar-lhes,
Como dou com tudo em terra!
Hei-de dançar um can-can
Qu'ha-de levar tudo a breca!
Embora que vossês gritem
— Pereréca! oh! Pereréca!

E viva a Pereréca
Pois que a ninguem faz mal,
Sem agua na caneca,
Nos dias de carnaval!

O Zé Pereira no carnaval
Póde o *zabumba* rebentar,
Mas depois d'esta folia
Outros lhe tomam o lugar!
Sem *mascaras* percorrem *elles*
As ruas d'esta cidade,
Arrebentando sem *malho*
A *pelle* da humanidade!

E viva o Zé Pereira — etc.

O author manda pedir
Um pouco de paciencia,
Mais do que nunca precisa
Toda vossa indulgencia!
Dêem palmas e desculpem
Este trabalho grutesco
Que devêra se chamar
—Les Pompiers de Nanterre.

E viva o Zé Pereira—etc.

LUNDÚ

EU JÁ TIVE UMA MENINA

Eu ja tive uma menina
A quem amei mais que a ti,
Ausentou-se, foi-se embora,
Eu fiquei, mas não morri.

Menina traidora
Que falta á promessa
Não fique em lembrança,
Melhor é que esqueça.

Antes quero ser
Queimado do lume,
Que andar soffrendo
O negro ciume.

Comprei para a cuja
Um lindo retrato,
De genio inconstante,
De um genio ingrato.

Gastar a gente
Os seus cabedaes
Em fitas bonitas
E outras cousas mais;

Andar a gente
Feito um ladrão
Em risco de achar
Pedrada ou bordão;

Andar a gente
Feito um corropio,
Por lamas e chuvas
Em noite de frio;

Passar pela rua,
Parar na esquina,
Julgando que ouvia
A voz da menina;

Olhando para lá
Se chega a janella,
Como a noite é escura
Não sabe se é ella;

Acender o churuto
Para dar signal,
E ella namorando
Outro no quintal;

Sósinho no canto
Como um tolo
Ella com outro
Fazendo tijolo;

Estar sempre no canto
Sósinho, em pé,
Chocando com os olhos
Como jacaré;

Gostar da menina,
Dar a picholeta,
Sem ao menos poder
Fallar com a preta.

Trabalhos crueis
Que já foram meus
Não fallem-me n'elles
Pelo amor de Deus.

CANÇÃO

PARLENDAS CARNAVALESCAS

Ámanhã é domingo
De pé do cachimbo,
Toca na gaita,
Repica no sino,
O sino é d'ouro,
Repica no touro;
O touro é bravo,
Mata fidalgo;
Fidalgo é valente,
Enterra o menino
Na cova de um dente.

Pico, pico, me piquei,
Um grão de milho achei;
Um moinho me moeu,
Um ratinho me comeu,
Eu chamei por S. Thiago,
S. Thiago não me ouviu,
Ouviram-me dous ladrões,
Apalparam-me os calções;

Eu cuidei que era graça,
Bebi vinho da cabaça.

Era e não era
No tempo da hera,
Meu pai era vivo,
Minha mãi por nascer,
Que lhe havia de fazer?
Deitei as pernas ás costas
E puz-me a correr.
Subi por escada abaixo,
Desci por ella acima,
Encontrei um pecegueiro
Carregado de maçãs,
Fui-me a elle
E comi avellãs.
Veio o seu dono
E deu-me com um pau,
Bateu-me n'um olho,
Magoou-me um joelho.

Ora vamos e venhamos
Pela terra dos ciganos,
Um burrinho compraremos,
O folar que elle fizer
Será para o primeiro
Que aqui fallar quizer,
Fóra eu que sou juiz,

Cômo perna de perdiz,
Fóra eu que sou capitão,
Cômo perna de leitão.

« Cabra cega, d'onde vens?
— De Castella.
« Que me trazes?
— Pão e costella.
« Dás-me d'ella?
— Não, que é para mim
E p'ra a minha velha
Comer d'ella.

Rei e rainha,
Condessa, cestinha,
Vamos a dar
Uma tarefinha.
S. Pedro me leve,
Me queira levar,
Se alguma menina
Me fizer olhar,
Rir, conversar.
— Agora o Senhor S. Pedro
Dá licença de eu olhar?
— « Não te deixo olhar
Sem essa agulha acabada,
E a outra começada.
— Já acabei, já comecei,
Já tornei a começar.

Agora o Senhor S. Pedro
Deu licença de eu olhar.

« Truz truz;
— Quem é?
« O velho das contas.
— Elle o que quer?
« Vender contas.
— Não ha dinheiro
« Fia até Janeiro.

Sorrobico,
Massarico,
Quem te deu
Tamanho bico?
Foi Nosso Senhor
Jesus Christo.
Bicho vai,
Bicho vem,
A ganhar
O seu vintem.
Piolho na lama,
Pulga na cama,
Dá um pincho,
Põe-se em França...

MODINHAS

QUEM ÉS TU?

Poesia do snr. Mello Moraes, Filho, e musica do snr. S. Rosa

Quem és tu, que vens á noite,
Tristesinho aqui scismar,
Fugindo de tantas galas
Que o mundo póde offertar!

Serás nota harmoniosa
D'uma lyra de crystal,
Transformada n'um anjinho
Dormindo n'um tremedal?

És fada que no silencio
A tempestade domina,
Trajando nas azas brancas
A meiga luz matutina?

Ou dos meus sonhos ardentes
És o sêr encantador,
Que vens dourar meu futuro
Aos beijos do teu amor?

Não! és orphão! no silencio
Buscas aqui te abrigar,
Quando nos finda a ventura
É nosso allivio chorar!

És a crença! és a saudade,
A muda expressão da dôr!
Linda per'la descravada
Do throno azul do Senhor!

FIM DO VOLUME IV

INDICE

F. MARIA BORDALLO — Um passeio de 7 mil leguas. 1 v. — Viagem á roda de Lisboa. 1 v — Eugenio, romance maritimo.

T. DE VASCONCELLOS — Um prato de arroz dôce. 1 v. — Duas facadas, romance — Papeis velhos. 1 v. — Viagens na terra alheia. 1 v. — O celibato ecclesiastico — Reflexões á carta do Padre Jacintho. — A ermida de Castromino.

ARNALDO GAMA — O genio do mal. 4 v. — O sargento-mór de Villar. 2 v. — O segredo do abbade. 1 v. — O filho do Baldaya. 1 v. — Ultima dona de S. Nicolau. 1 v. — A caldeira de Pero Botelho — Honra ou loucura? Verdades e ficções. 2 v. — O balio de Leça — Poesias e contos. — Um motim ha cem annos.

ALFREDO HOGAN — Mysterios de Lisboa. 4 v., com estampas. — A pedinte de Lisboa. 2 v., com estampas — Os dous Angelos ou um casamento forçado. 2 v., com estampas — Duas mulheres da época. 1 v. — Memorias do coração — Marco Tulio ou o agente dos jesuitas. 2 v., com estampas.

MONT'ALVERNE — Obras oratorias. 4 v. — Compendio de philosophia.

O BOBO, por Alexandre Herculano.

FROES — Caricaturas á penna, 1 v.

A. M. DE CASTILHO — Collecção de almanachs de lembranças desde 1851 até hoje.

VILHENA BARBOSA — Descripção das cidades e villas de Portugal. 3 v. com estampas — Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na historia de Portugal. 1 v. — Estudos historicos e archeologicos. 1 v.

E. TAVARES — Ouro e crime! mysterios de uma fortuna ganha no Brazil. 2 v.

ANDRADE CORVO — Um anno na côrte. 3 v. — O sentimentalismo. 1 v. — Perigos. 1 v.

INNOCENCIO DA SILVA — Diccionario bibliographico portuguez. 9 v.

LUCIANO CORDEIRO — O livro de critica. 2 v. — Estros e palcos. 1 v.

DR. SILVA GAYO — Mario — Fr. Caetano Brandão.

DR. SANTOS MARQUES — Guia metrica para as familias e o commercio miudo.

ENSAIOS sobre a critica de Alexandre Pope. 1 v.

NOVO MANUAL dos jogos de sociedade e de prendas.

COLLECÇÃO da Revista trimensal do Instituto historico, geographico e ethnographico do Brazil, desde 1839 até hoje.

DISCURSOS do conselheiro Zacharias.

O CALABAR, historia brazileira por Mendes Leal. 4 v.

HISTORIA DO BRAZIL, pelo general Abreu e Lima. 2 v., com est.

PEREGRINAÇÃO de Fernão Mendes Pinto. 4 v.

OS INCAS ou a destruição do imperio do Perú por Marmontel. 2 v.

MEMORIAS de uma rapariga do povo, por Fremi. 2 v.

FABIOLA ou a igreja das catacumbas pelo cardeal Wiseman. 2 v., com estampas.

HISTORIA de um crime celebre, por Emilio Gaboriau. 2 v.

HISTORIA da revolução franceza, por Thiers. 6 v., com estampas.

O TROVADOR, collecção de modinhas, recitativos, arias, lundús, etc. 8 v. — Arpejos d'alma, poesias de Bom Successo — Inspirações do claustro, poesias de Junqueira Freire — Pensamentos de um homem em mangas de camisa, poesias — Flôres sem cheiro, poesias de Ferreira Menezes — Prantos e risos, poesias de Trajano A. Pires.

RINOLDES — Os dramas de Londres: 1.ª parte, Os irmãos da resurreição. 1 v.; 2.ª A taberna do diabo. 1 v.; 3.ª Os mysterios do gabinete negro; 4.ª Desventuras de Miss Ellen; 5.ª O segredo do resuscitado; 6.ª

O filho do carrasco; 7.ª Os piratas do Tamisa; 8.ª Os dous miseraveis; 9.ª As ruinas do castello; 10.ª O novo Monte-Christo.

T. Tarrago — Os ciumes de uma rainha. 9 v. — O que faz a ambição, romance. — As noites portuguezas — Viagens de Gulliver a varios paizes remotos. 3 v.

Descripção topographica de Villa Nova de Gaya, 3.ª edição.

Historia do consulado e do imperio por Thiers. 11 v.

Os portuguezes em Africa, Asia, America e Oceania, obra classica. 8 v., com estampas.

Historia do descobrimento e conquista da India pelos portuguezes, por Fernão L. de Castanheda. 8 v.

Estatutos da universidade de Coimbra. 3 v. — Historia da origem, progresso e decadencia das diversas facções que agitaram a França desde 14 de julho de 1789 até á abdicação de Napoleão. 3 v.

Chronica do Principe D. João, por Damião de Goes. 1 v.

Obras completas de D. Francisco de S. Luiz, cardeal patriarcha de Lisboa. 1 v.

Memorias das rainhas de Portugal, por Figanière. 1 v.

Historia da restauração de Portugal, pelo duque de Bragança. 2 v.

Historia de Portugal, por Alexandre Herculano. 4 v.

Maximas e pensamentos do marquez de Maricá. 1 v.

Historia da virtuosa e infeliz Clara Harlowe. 16 v.

Apontamentos biographicos para a historia das campanhas do Uruguay e Paraguay. 2 v., com estampas.

Roteiro de D. João de Castro, da viagem que fizeram os portuguezes ao mar Roxo do anno de 1541.

Parnaso maranhense, collecção de poesias.

Historia da revolução de Minas-Geraes em 1844. 1 v.

Julio ou a casa paterna. 1 v.

Joanninha ou a engeitada generosa.

Julia ou o subterraneo. 2 v.

Libertinos e conspiradores. 2 v.

Innocente e culpado ou o segundo filho de uma familia. 2 v.

Jardim do povo — Romances publicados: O laço de flôres. 1 v. — Rico e pobre. 1 v. — Os homens do mar, por Victor Hugo. 3 v. — Memorias da mocidade. 1 v. — Pedro e Laura. 1 v. — Os amores d'Artagnan. 5 v. — Miragens de felicidade. 1 v. — A filha do homicida. 3 v. — Antoniella, por Lamartine. 1 v. — A loba, por P. Feval. 3 v. — O Conde de Camors. 2 v. — Genoveva, por Karr. 1 v. — Tempestades do coração. 2 v. — Os incendiarios da India. 2 v. — A familia de Penarvan. 2 v. — O guia do deserto. 5 v. — O jogo da morte. 6 v. — O brinco perdido. 2 v. — Joaquim Dick. 5 v. — O matador de tigres. 2 v. — O medico vermelho. 5 v. — O pacto de sangue. 8 v. — O salteador do monte deserto. 2 v. — O filho de Marat. 4 v.

Diccionario dos jogos. 1 v. com mais de 200 jogos.

O preço da felicidade. 1 v.

Cartas e outras obras do marquez de Pombal. 2 v.

O amazonas, por E. Carrey — Os mulatos de Marajó e revoltosos do Pará. 2 v.

A freira enterrada em vida ou o convento de S. Placido. 3 v.

Rosa ou a pequena mendiga e seus bemfeitores. 4 v.

O cofre, romance. 1 v.

Porto: 1876 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62